

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

DEZEMBRO DE 1859

Nº 12

Resposta ao Sr. Oscar Comettant

Senhor,

Consagrastes aos Espíritos e aos seus partidários o folhetim do *Siècle* de 27 de outubro último. A despeito do ridículo que lançais sobre uma questão muito mais séria do que pensais, aprez-me reconhecer que, atacando o princípio, guardais as conveniências pela urbanidade da forma, visto não ser possível dizer com mais polidez que não temos bom senso. Assim, não confundirei o vosso espirituoso artigo com essas diatribes grosseiras que dão uma triste idéia do “bom-gosto” de seus autores, aos quais fazem justiça todas as pessoas distintas, sejam ou não nossas partidárias.

Como não tenho o hábito de responder às críticas, teria deixado passar o vosso artigo, como tantos outros, se dos Espíritos não tivesse o encargo, primeiramente, de vos agradecer por vos terdes ocupado deles e, depois, para vos dar um conselho. Bem compreendeis, senhor, que de mim mesmo não me permitiria fazê-lo; desincumbo-me de minha tarefa, eis tudo. – “Como! – direis – então os Espíritos se ocupam de um folhetim que escrevi sobre eles? Seria muita bondade de sua parte.” – Certamente, pois

estavam ao vosso lado quando escrevíeis. Um deles, que vos quer bem, chegou mesmo a tentar impedir que utilizásseis certas reflexões, que julgava não estar à altura de vossa sagacidade, temendo por vós a crítica, não dos Espíritos, com os quais pouco vos preocupais, mas dos que conhecem o alcance do vosso julgamento. Ficai certo de que eles estão por toda parte, sabem tudo quanto se diz e se faz e, no momento em que lerdes estas linhas, estarão ao vosso lado, observando-vos. Mas, direis:

– “Não posso crer na existência desses seres que povoam o espaço, mas que não vemos.”

– Credes no ar, que não vedes e que, no entanto, vos envolve?

– “Isto é muito diferente. Creio no ar porque, mesmo não o vendo, sinto-o, ouço-o bramir na tempestade e ressoar no tubo da chaminé; vejo os objetos que ele derruba.”

– Pois bem! Os Espíritos também se fazem ouvir; também movem os corpos pesados, levantam-nos, transportam-nos, quebram-nos.

– “Ora, pois, Sr. Allan Kardec! Apelai para a vossa razão. Como quereis que seres impalpáveis, supondo que eles existam, o que só admitiria se os visse, tenham esse poder? Como podem seres imateriais agir sobre a matéria? Isto não é racional.”

– Credes na existência dessas miríades de animálculos que estão em vossa mão e que a ponta de uma agulha pode cobrir milhares?

– “Sim, porque se não os vejo com os olhos o microscópio me faz vê-los.”

– Mas antes da invenção do microscópio, se alguém vos tivesse dito que tendes sobre a pele milhares de insetos que nela

pululam; que uma gota de água límpida encerra toda uma população; que os absorveis em massa com o ar mais puro que respirais, que teríeis respondido? Teríeis gritado contra o absurdo e, se fôsseis folhetinista, não teríeis deixado de escrever um belo artigo contra os animálculos, o que não os impediria de existir. Hoje o admitis porque o fato é patente, mas antes teríeis declarado que era coisa impossível. Que há, pois, de irracional na crença de que o espaço seja povoado de seres inteligentes que, embora invisíveis, de modo algum são microscópicos? Quanto a mim, confesso que a idéia de seres pequenos como uma parcela homeopática e, no entanto, providos de órgãos visuais, reprodutores, circulatórios, respiratórios, etc., me parece ainda mais extraordinário.

– “Concordo; mas, ainda uma vez, são seres materiais, representam alguma coisa, enquanto os vossos Espíritos são o quê? Nada; apenas seres abstratos, imateriais.”

– Em primeiro lugar, quem vos disse que são imateriais? A observação – pesai bem esta palavra *observação*, que não quer dizer *sistema* – a observação, repito, demonstra que essas inteligências ocultas têm um corpo, um envoltório, invisível é verdade, mas não menos real. Ora, é por este intermediário semimaterial que eles agem sobre a matéria. Serão apenas os corpos sólidos que têm uma força motriz? Não são, ao contrário, os corpos rarefeitos, como o ar, o vapor, todos os gases e a eletricidade que possuem esse poder no mais alto grau? Por que então o negaríeis à substância que constitui o envoltório dos Espíritos?

– “De acordo. Mas se em certos casos essas substâncias são invisíveis e impalpáveis, a condensação pode torná-las visíveis e mesmo sólidas. Podemos pegá-las, guardá-las, analisá-las, de modo que a sua existência é demonstrada de maneira irrecusável.”

– Ora essa! Negais os Espíritos porque não podeis metê-los num tubo de ensaio e saber se são compostos de oxigênio,

hidrogênio e azoto. Dizei-me se antes das descobertas da química moderna conhecia-se a composição do ar, da água, e as propriedades dessa imensidão de corpos invisíveis, cuja existência nem suspeitávamos. Que teriam dito, então, a quem anunciasse todas as maravilhas que hoje admiramos? Tê-lo-iam tratado de charlatão, de visionário. Suponhamos que vos caia nas mãos um livro de um sábio daquele tempo, negando todas essas coisas e que, além disso, tivesse procurado *demonstrar* a sua impossibilidade. Diríeis: Eis aí um sábio muito presunçoso, que se pronunciou muito levemente, decidindo sobre o que não sabia; para sua reputação teria sido melhor abster-se. Numa palavra, não faríeis um juízo muito favorável de sua opinião. Pois bem! Em alguns anos veremos o que se pensará daqueles que hoje tentam demonstrar que o Espiritismo é uma quimera.

É sem dúvida lamentável para certas pessoas, como para certos colecionadores, que os Espíritos não possam ser postos dentro de um garrafão de vidro, a fim de serem observados à vontade; não imagineis, entretanto, que eles escapem aos nossos sentidos de maneira absoluta. Se a substância que compõe o seu envoltório é invisível em estado normal, também pode, em certos casos, como o vapor, mas por outra causa, experimentar uma espécie de condensação ou, para ser mais exato, uma modificação molecular que a torna momentaneamente visível e mesmo tangível. Então podemos vê-los, como nos vemos, tocá-los, apalpá-los; eles podem pegar-nos e deixar impressão sobre os nossos membros. Apenas esse estado é temporário; podem deixá-lo tão rapidamente quanto o tomaram, não em virtude de uma rarefação mecânica, mas por efeito da vontade, considerando-se que são seres inteligentes e não corpos inertes. Se a existência dos seres inteligentes que povoam o espaço está provada; se, como acabamos de ver, exercem uma ação sobre a matéria, que há de surpreendente em que possam comunicar-se conosco e transmitir seus pensamentos por meios materiais?

“Tudo bem, caso a existência desses seres seja provada. Mas aí é que está o problema.”

Inicialmente, o importante é provar essa possibilidade: a experiência fará o resto. Se para vós essa existência não está provada, está para mim. Ouço daqui que dizeis intimamente: Eis um argumento muito frágil. Admito que minha opinião pessoal tenha pouco peso, mas não estou só. Antes de mim, muitos outros pensavam do mesmo modo, porquanto não inventei nem descobri os Espíritos. Essa crença conta milhões de aderentes, tanto ou mais inteligentes do que eu. Entre os que crêem e os que não crêem, quem decidirá?

– “O bom-senso”, direis.

– Seja. Mas acrescento: e o tempo, que diariamente nos vem em auxílio. Mas com que direito os que não crêem se arrogam o privilégio do bom-senso, sobretudo quando justamente os que acreditam são recrutados, não entre os ignorantes, mas entre pessoas esclarecidas, cujo número cada dia cresce? Eu o julgo por minha correspondência, pelo número de estrangeiros que me visitam, pela aceitação de meu jornal, que completa o seu segundo ano e conta com assinantes nas cinco partes do mundo, nas mais elevadas camadas da sociedade e até nos tronos. Dizei-me, em consciência, se isso é a trajetória de uma idéia vazia, de uma utopia.

Constatando esse fato capital em vosso artigo, dizeis que ele ameaça tomar as proporções de um flagelo e aditais: “Já não lidava a espécie humana, ó bom Deus! com *futilidades* suficientes para lhe perturbar a razão, antes mesmo que essa nova doutrina viesse apoderar-se de nosso pobre cérebro?” Parece que não apreciáis as doutrinas; cada um tem o seu gosto. Nem todos gostam das mesmas coisas. Direi apenas que não sei a que papel intelectual o homem seria reduzido, se, desde que se acha na Terra, não tivessem surgido doutrinas que, fazendo-o refletir, o tirassem do

estado passivo do bruto. Sem dúvida, há boas e más, justas e falsas, mas foi para discerni-las que Deus nos deu a razão. Esqueceste uma coisa: a definição clara e categórica daquilo que classificais entre as futilidades. Há pessoas que assim tacham todas as idéias de que não compartilham. Mas tendes inteligência em demasia para acreditar que esta se tenha concentrado apenas em vós. Há outras pessoas que atribuem esse nome a qualquer opinião religiosa, considerando a crença em Deus, na alma e na sua imortalidade, nas penas e recompensas futuras de utilidade limitada às mulheres do povo ou às crianças que se deseja amedrontar. Não conheço vossa opinião a respeito, contudo, pelos juízos que emitistes, algumas pessoas poderiam inferir que aceitais um pouco essas idéias. Quer as partilheis ou não, tomo a liberdade de dizer, como muitos outros, que nelas estaria o verdadeiro flagelo, caso se propagassem. Com o materialismo, que é a crença de que morremos como animais, que depois de nós *será o nada*, o bem não terá nenhuma razão de ser, os laços sociais nenhuma consistência: é a sanção do egoísmo. A lei penal será o único freio a impedir o homem de viver à custa de outrem. Se fosse assim, com que direito puniríamos o homem que mata o semelhante para apoderar-se de seus bens? Porque é um mal, diríeis vós. Mas por que esse mal? Ele vos responderá: Depois de mim não há nada; tudo se acaba; nada tenho a temer; quero viver aqui o melhor possível e, para isso, tomarei dos que têm. Quem mo proíbe? Vossa lei? Vossa lei terá razão se for mais forte, isto é, se me pegar. Mas se eu for mais astucioso, se lhe escapar, a razão estará comigo.

Qual a sociedade, pergunto, que poderá subsistir com semelhantes princípios? Isto me lembra o seguinte fato: Um senhor que, como se diz vulgarmente, não acreditava em Deus, nem no diabo, e não o negava, notou que desde algum tempo vinha sendo roubado por seu criado. Um dia surpreendeu-o em flagrante e lhe disse: Como ousas, infeliz, tomar o que te não pertence? O doméstico pôs-se a rir e respondeu: Por que deveria crer, se também não credes? Por que tendes mais do que eu? Se eu fosse

rico e vós pobre, quem vos impediria de fazer o que faço? Dei azar desta vez – eis tudo. De outra, cuidarei de agir melhor.

Aquele senhor teria ficado mais contente se o doméstico não tivesse tomado a crença em Deus como uma futilidade. É a essa crença e às que dela decorrem que deve o homem a sua verdadeira segurança social, muito mais que à severidade da lei, porque a lei não pode tudo alcançar. Se a crença se arraigasse no coração de todos, nada teriam a temer uns dos outros. Assestar as baterias contra ela é soltar a rédea a todas as paixões, é aniquilar todos os escrúpulos. Foi isso que levou recentemente um sacerdote, quando lhe pediram opinasse sobre o Espiritismo, a dizer estas sensatas palavras: *O Espiritismo conduz à crença em alguma coisa. Ora, eu prefiro aqueles que acreditam em alguma coisa aos que em nada crêem, pois estes não acreditam nem mesmo na necessidade do bem.*

Com efeito, o Espiritismo é a destruição do materialismo. É a prova patente, irrecusável, daquilo que certas pessoas chamam futilidades, a saber: Deus, a alma, a vida futura, feliz ou infeliz. Este flagelo, como o chamais, tem outras conseqüências práticas. Se soubésseis, como eu, quantas vezes fez ele voltar a calma aos corações ulcerados pela mágoa; que doce consolação tem espalhado sobre as misérias da vida; quanto ódio tem acalmado, quantos suicídios tem impedido, não zombaríeis tanto. Suponde que um de vossos amigos venha dizer-vos “Eu estava desesperado; ia estourar os miolos; mas hoje, graças ao Espiritismo, sei quanto isto me custa e desisto totalmente.” Se outro indivíduo vos disser: “Eu invejava o vosso mérito, a vossa superioridade; vosso sucesso impedia-me de dormir; queria vingarme, derrotar-vos, arruinar-vos, até mesmo matar-vos. Confesso que correstes grandes perigos. Hoje, porém, que sou espírita, compreendo tudo quanto esses sentimentos têm de ignóbil e os abjuro. E, em vez de vos fazer mal, venho prestar-vos um serviço.” Provavelmente direis: “Ótimo! Ainda bem que existe algo de bom nessa loucura.”

O que estou dizendo, senhor, não visa convencer-vos nem vos induzir às minhas idéias. Tendes convicções que vos satisfazem e que, para vós, resolvem todas as questões do futuro: é, pois, muito natural que as conserveis. Mas me apresentais aos vossos leitores como o propagador de um flagelo; eu tinha que lhes mostrar que seria desejável que todos os *flagelos* não fizessem maior mal, a começar pelo materialismo, de modo que conto com a vossa imparcialidade para lhes transmitir minha resposta.

“Mas, direis, não sou materialista. Pode-se muito bem não ser materialista e, mesmo assim, não acreditar na manifestação dos Espíritos.” – De acordo: então sois *espiritualista* e não *espírita*. Se me equivoquei quanto à vossa maneira de ver, é porque tomei ao pé da letra a profissão de fé colocada no fim do vosso artigo. Dizeis: “Creio em duas coisas: no amor dos homens por tudo quanto é maravilhoso, ainda que esse maravilhoso seja absurdo, e no editor que me vendeu o fragmento da sonata ditada pelo Espírito Mozart, ao preço de 2 francos.” Se toda vossa crença se resume nisso, tudo bem: a mim parece a prima irmã do ceticismo. Mas aposto que credes em algo mais do que no Sr. Ledoyen, que vos vendeu por 2 francos um fragmento de sonata: acreditais no produto de vossos artigos, pois presumo que, salvo engano, não os ofereceis pelo amor de Deus, como o Sr. Ledoyen não oferece os seus livros. Cada um tem o seu ofício: o Sr. Ledoyen vende livros, o literato vende prosa e verso. Nosso pobre mundo não se encontra ainda bastante adiantado para que possamos morar, comer e vestir-nos de graça. Talvez um dia os proprietários, os alfaiates, os açougueiros e os padeiros estejam suficientemente esclarecidos para compreenderem que é ignóbil para eles pedir dinheiro; então os livreiros e os literatos serão arrastados pelo exemplo.

“Com tudo isto não me destes o conselho que me oferecem os Espíritos.” – Ei-lo: É prudente não nos pronunciarmos muito levemente sobre aquilo que não conhecemos; imitemos a sábia reserva do sábio Arago, a propósito

do magnetismo animal: “Eu não poderia aprovar o mistério com que se envolvem os cientistas sérios que hoje vão assistir às experiências de sonambulismo. A *dúvida* é uma prova de modéstia e raramente prejudica o progresso das ciências. Já não diríamos o mesmo da *incredulidade*. *Aquele que, fora das matemáticas puras, pronuncia a palavra IMPOSSÍVEL, falta com a prudência*. A reserva é um dever, sobretudo quando se trata da organização animal.” (Notícia sobre Bailly).

Aceitai, etc.

Allan Kardec

Efeitos da Prece

Um de nossos assinantes nos escreve de Lausanne:

“Há mais de quinze anos professo em grande parte aquilo que vossa ciência espírita ensina hoje. A leitura de vossas obras não faz senão reforçar esta crença. Além disso, traz-me grandes consolações e lança uma viva claridade sobre uma parte que para mim era treva. Embora muito convencido de que minha existência deve ser múltipla, eu não sabia explicar em que se tornaria meu Espírito nesses intervalos. Mil vezes obrigado, senhor, por me haverdes iniciado nesses grandes mistérios, indicando-me a única rota a seguir para ganhar um lugar melhor no outro mundo. Abristes meu coração à esperança e duplicastes a minha coragem para suportar as provas deste mundo. Vinde, pois, senhor, em meu auxílio, a fim de esclarecer uma verdade que me interessa em alto grau. Sou protestante e em nossa igreja jamais se ora pelos mortos, posto que o Evangelho não o ensina. Como dizeis, os Espíritos que evocais freqüentemente pedem o auxílio de vossas preces. Será porque estejam ainda sob a influência das idéias adquiridas na Terra, ou levará Deus em conta a prece dos vivos para abreviar o sofrimento dos mortos? Essa questão, senhor, é muito importante

para mim e para outros correligionários meus, que contraíram alianças católicas. A fim de ter uma resposta satisfatória, creio, seria necessário que o Espírito de um protestante esclarecido, tal como um dos nossos ministros, se dignasse manifestar-se em companhia de um dos vossos eclesiásticos.”

A pergunta é dupla: 1º A prece é agradável àqueles por quem se ora? 2º É-lhes útil? Ouçamos, de início, sobre a primeira pergunta o reverendo padre Félix, numa introdução notável a um pequeno livro intitulado: *Os mortos sofredores e abandonados*.

“A devoção para com os mortos não é apenas a expressão de um dogma e a manifestação de uma crença, mas, também, um encanto da vida, um consolo para o coração. Que há, com efeito, de mais suave ao coração do que esse culto piedoso que nos liga à memória e ao sofrimento dos mortos? Crer na eficácia da prece e das boas obras para o alívio dos que perdemos; crer, quando os choramos, que essas lágrimas que por eles derramamos ainda lhes podem auxiliar; crer, finalmente, que mesmo *nesse mundo invisível que habitam* nosso amor pode ainda visitá-los em seu benefício: que doce, que suave crença! E nessa crença, que consolação para aqueles que viram a morte entrar em sua casa e feri-los no coração! Se esta crença e este culto não existissem, o coração humano, pela voz de seus mais nobres instintos, diria a todos que o compreendem, que seria necessário inventá-los, fosse ainda para imprimir doçura na morte e encanto até nos nossos funerais. Nada, com efeito, transforma e transfigura o amor que ora sobre um túmulo ou chora nos funerais, como essa devoção à lembrança e ao sofrimento dos mortos. Essa mistura da religião e da dor, da prece e do amor têm, ao mesmo tempo, um não sei quê de precioso e de enternecedor. A tristeza que chora torna-se um auxiliar da piedade que ora; por sua vez, a piedade se torna, para a tristeza, o mais delicioso aroma; e a fé, a esperança e a caridade jamais se associam melhor para honrar a Deus consolando os homens e fazendo do alívio aos mortos a consolação dos vivos!

“Esse encanto tão suave que encontramos em nosso intercâmbio fraterno com os mortos, como se torna ainda mais doce quando nos persuadimos de que, sem dúvida, Deus não deixa esses entes queridos absolutamente ignorantes do bem que lhes fazemos. Quem não desejou, ao orar por um pai ou um irmão falecido, *que ele ali estivesse para escutar*, e, ao fazer por ele os seus votos, *ali estivesse para ver*? Quem não disse a si mesmo, ao enxugar uma lágrima junto ao caixão de um parente ou de um amigo perdido: *Se ao menos ele pudesse ouvir-me!* quando meu amor lhe oferece com as lágrimas a prece e o sacrifício, *se eu tivesse a certeza de que ele o sabe e que seu amor compreende sempre o meu!* Sim, se eu pudesse crer que não somente o alívio que lhe envio chega até ele, mas se também pudesse convencer-me de que Deus *se digna enviar um de seus anjos para lhe contar*, ao levar-lhe meu benefício, que esse alívio vem de mim: oh! Deus, como sois bom para os que choram, que bálsamo em minhas chagas! que consolo em minha dor!

“A Igreja, é verdade, não nos obriga a crer que os nossos irmãos falecidos saibam, no purgatório, o que por eles fazemos na Terra, *mas também não o proíbe; ela o insinua e parece convencer-nos pelo conjunto de seu culto e de suas cerimônias*; e homens sérios e respeitáveis da Igreja não receiam em afirmá-lo. Seja como for, aliás, se os mortos não têm o conhecimento presente e distinto das preces e das boas obras que por eles fazemos, é certo que experimentam seus efeitos salutares. E esta crença firme não basta a um amor que deseja consolar-se da dor através do benefício e fecundar as lágrimas pelos sacrifícios?”

O que o padre Félix admite como hipótese, a ciência espírita aceita como verdade incontestável, porque dá a sua prova patente. Sabemos, com efeito, que o mundo invisível é composto daqueles que deixaram seu envoltório corporal, ou, por outras palavras, das almas dos que viveram na Terra. Essas almas, ou esses Espíritos – o que vem a ser a mesma coisa – povoam o espaço; estão

em toda parte, ao nosso lado como nas regiões mais afastadas; desembaraçados do fardo pesado e incômodo que os retinha à superfície do solo, não possuindo senão um envoltório etéreo, semimaterial, transportam-se com a rapidez do pensamento. Prova a experiência que eles podem vir ao nosso apelo; mas vêm mais ou menos de boa vontade, com maior ou menor prazer, conforme a intenção, como é fácil de conceber. A prece é um pensamento, um laço que nos liga a eles: é um apelo, uma verdadeira evocação. Ora, como a prece, seja ou não eficaz, é sempre um pensamento benévolo, só pode ser agradável àqueles a quem se dirige. Ser-lhes-á útil? Esta é uma outra questão.

Os que contestam a eficácia da prece dizem: Os desígnios de Deus são imutáveis e ele não os derroga a pedido do homem. Isto depende do objeto da prece, porquanto é muito certo que Deus não pode infringir suas leis a fim de satisfazer a todos os pedidos inconsistentes que lhe são dirigidos. Encaremo-la apenas do ponto de vista do alívio das almas sofredoras. Inicialmente diremos que, admitindo que a duração efetiva dos sofrimentos não possa ser abreviada, a comiseração e a simpatia são um abrandamento para aquele que sofre. Se um prisioneiro for condenado a vinte anos de prisão, não sofrerá mil vezes mais se estiver só, isolado e abandonado? Mas se uma alma caridosa e compassiva vier visitá-lo, consolá-lo e encorajá-lo, não terá o poder de quebrar suas cadeias antes do tempo previsto, não as tornará menos pesadas e os anos não parecerão mais curtos? Quem na Terra não encontra na compaixão um alívio às suas misérias, um consolo nas expansões da amizade?

Podem as preces abreviar os sofrimentos? O Espiritismo diz: *Sim*; e o prova pelo raciocínio e pela experiência. Pela experiência, porque são as próprias almas sofredoras que vêm confirmá-lo, descrevendo-nos a sua mudança de situação; pelo raciocínio, considerando o seu modo de ação.

As comunicações ininterruptas que temos com os seres de além-túmulo fazem passar aos nossos olhos todos os graus do sofrimento e da felicidade. Vemos, pois, seres infelizes, horrivelmente infelizes; e, se de acordo com um grande número de teólogos, o Espiritismo não admite o *fogo* senão como uma figura, como um símbolo das maiores dores, numa palavra, como um fogo moral, é preciso convir que a situação de alguns não é muito melhor do que se estivessem no fogo material. O estado feliz ou infeliz após a morte não é, pois, uma quimera, um verdadeiro fantasma. Mas o Espiritismo nos ensina ainda que a duração do sofrimento depende, *até certo ponto*, da vontade do Espírito, podendo ele abreviá-lo pelos esforços que fizer por melhorar-se. A prece – refiro-me à prece real, a do coração, a que é ditada pela verdadeira caridade – incita o Espírito ao arrependimento, desenvolve-lhe bons sentimentos. Ela o esclarece e o faz compreender a felicidade dos que lhe são superiores; impele-o a fazer o bem, a *tornar-se útil*, já que os Espíritos podem fazer o bem e o mal. De certa modo ela o tira do desânimo em que se entorpece. Fá-lo entrever a luz. Por seus esforços pode, pois, sair do lamaçal em que está preso. É assim que a mão protetora que lhe estendemos pode abreviar-lhe os sofrimentos.

Pergunta nosso assinante se os Espíritos que solicitam preces não estariam ainda sob a influência das idéias terrestres. A isto respondemos que entre os Espíritos que se comunicam conosco há os que, em vida, professaram todos os cultos. Todos eles, católicos, protestantes, judeus, muçulmanos e budistas, à pergunta: “Que podemos fazer para vos ser útil?”, respondem: “Orai por mim.” – Uma prece, segundo o rito que professastes, será para vós mais útil ou mais agradável? – “O rito é a forma; a prece do coração não tem rito.” Nossos leitores certamente se recordam da evocação de uma viúva do Malabar, inserida na *Revista* de dezembro de 1858. Quando lhe dissemos: “Pedis que oremos por vós; como somos cristãos, nossas preces vos poderiam ser agradáveis?” Ela respondeu: “Não há senão um Deus para todos os homens.”

Os Espíritos sofredores ligam-se aos que oram por eles, como o ser reconhecido àquele que lhe faz bem. Essa mesma viúva do Malabar compareceu várias vezes às nossas reuniões sem ser chamada; dizia vir para instruir-se. Acompanhava-nos até mesmo na rua, conforme constatamos com o auxílio de um médium vidente. O assassino Lemaire, cuja evocação relatamos no número do mês de março de 1858, evocação que, diga-se de passagem, tinha excitado a verve trocista de alguns cépticos, esse mesmo assassino, infeliz, abandonado, encontrou em um de nossos leitores um coração compassivo, que teve piedade dele; muitas vezes veio visitá-lo e procurou manifestar-se por todos os tipos e meios até que essa pessoa, tendo tido ocasião de esclarecer-se sobre essas manifestações, soube que era Lemaire, que lhe queria testemunhar o seu reconhecimento. Quanto teve oportunidade de externar seu pensamento, disse-lhe: “Obrigado, alma caridosa! Eu me achava só com os remorsos de minha vida passada e tivestes piedade de mim; estava abandonado e pensastes em mim; encontrava-me no abismo e me estendestes a mão! Vossas preces foram para mim como um bálsamo consolador; compreendi a enormidade de meus crimes e peço a Deus que me conceda a graça de os reparar em uma nova existência, onde possa fazer tanto bem quanto fiz de mal. Obrigado outra vez, muito obrigado!”

Eis a opinião atual de um ilustre ministro protestante, o Sr. Adolphe Monod, morto em abril de 1856, sobre os efeitos da prece:

“O Cristo disse aos homens: Amai-vos uns aos outros. Essa recomendação encerra a de empregar todos os meios possíveis para testemunhar afeição aos nossos semelhantes, sem por isso entrar em detalhes quanto à maneira de atingir esse objetivo. Se é verdade que nada pode desviar o Criador de aplicar a justiça, de que ele próprio é modelo, a todas as ações do Espírito, não é menos verdade que a prece que lhe dirigis, em favor daquele por quem vos interessais, é para este último um testemunho da

lembrança que não poderá senão contribuir para aliviar-lhe os sofrimentos e o consolar. Desde que testemunha o menor arrependimento, só então é socorrido; mas não lhe deixam jamais ignorar que uma alma simpática dele se ocupou. Esse pensamento o incita ao arrependimento e o deixa na doce persuasão de que a sua intercessão lhe foi útil. Disso resulta, necessariamente, de sua parte, um sentimento de reconhecimento e de afeto por aquele que lhe deu esta prova de consideração e de piedade. Conseqüentemente, o amor recomendado pelo Cristo aos homens não fez senão crescer entre eles; ambos obedeceram à lei de amor e de união entre todos os seres, lei de Deus que deve conduzir à unidade, que é a finalidade do Espírito.”

– Nada tendes a acrescentar a estas explicações?

Resp. – Não; elas encerram tudo.

– Agradeço-vos por haverdes por bem no-las transmitir.

Resp. – Para mim é uma felicidade poder contribuir para a união das almas, união que os Espíritos bons procuram fazer prevalecer sobre todas as questões de dogma que as dividem.

Um Espírito Que Não se Acredita Morto

Um dos nossos assinantes do departamento do Loiret, excelente médium escrevente, escreve-nos o que se segue, a respeito de várias aparições que testemunhou:

“Não querendo deixar no esquecimento nenhum dos fatos que vêm apoiar a Doutrina Espírita, venho comunicar os novos fenômenos de que sou testemunha e médium e que, como haveis de reconhecer, concordam perfeitamente com tudo quanto tendes publicado em vossa Revista, a propósito dos diversos estados do Espírito depois que se separa do corpo.

“Há cerca de seis meses eu me ocupava de comunicações espíritas com várias pessoas, quando me veio a idéia de perguntar se, entre os assistentes, havia um médium vidente. O Espírito respondeu afirmativamente, designou-me e acrescentou: ‘Tu já o és, mas em pequeno grau e somente durante o sono; mais tarde teu temperamento se modificará de tal maneira que te tornarás um excelente médium vidente, mas pouco a pouco e, a princípio, apenas durante o sono.’

“No decorrer deste ano experimentamos a dor de perder três de nossos parentes. Um deles, que era meu tio, apareceu-me em sonho algum tempo depois de sua morte; tivemos uma longa conversa e ele me conduziu ao lugar que habita, dizendo-me que era o último grau que conduzia à mansão da felicidade eterna. Era minha intenção dar-vos a descrição daquilo que admirei nessa morada incomparável, mas tendo consultado a respeito o meu Espírito familiar, respondeu-me ele: ‘A alegria e a felicidade que experimentaste poderiam influenciar a descrição das maravilhosas belezas que admiraste e tua imaginação poderia criar coisas inexistentes. Espera que teu Espírito esteja mais calmo.’ Detenho-me, então, em obediência ao meu guia, ocupando-me apenas de duas outras visões mais positivas. Relatarei somente as últimas palavras de meu tio. Após haver admirado aquilo que *me era permitido ver*, ele me disse: ‘Agora vais retornar à Terra.’ Supliquei-lhe que me concedesse mais alguns instantes e ele respondeu: ‘Não; são cinco horas e deves retomar o curso de tua existência.’ No mesmo instante despertei, ao som da batida de cinco horas do meu relógio.

“Minha segunda visão foi a de um dos dois outros parentes mortos durante o ano. Tratava-se de um homem virtuoso, amável, bom pai de família, bom cristão e, embora doente desde muito tempo, morreu quase subitamente e talvez no momento em que menos esperava. Seu semblante tinha uma expressão indefinível, séria, triste e, ao mesmo tempo, feliz. Disse-me: ‘Expio minhas faltas; tenho, porém, um consolo: o de ser o protetor de

minha família. Continuo a viver junto à minha mulher e meus filhos e lhes inspiro bons pensamentos. Orai por mim.’

“A terceira visão é mais característica e me foi confirmada por um fato material: é a do terceiro parente. Era um homem excelente, posto que vivaz, encolerizado, imperioso com os criados e, acima de tudo, apegado desmedidamente aos bens deste mundo. Além de céptico, ocupava-se desta vida mais do que da vida futura. Algum tempo depois de sua morte veio à noite e se pôs a sacudir as cortinas com impaciência, como para me despertar. Como lhe perguntasse se era realmente ele, respondeu-me: ‘Sim; vim procurar-te porque és a única pessoa que pode responder-me. Minha esposa e meu filho partiram para Orléans; quis acompanhá-los, mas ninguém quer obedecer-me. Disse a Pedro que fizesse minhas malas, mas ele não me escuta. Ninguém me dá atenção. Se pudesses vir atrelar os cavalos na outra carruagem e providenciar a minha equipagem, prestar-me-ias um grande serviço, pois eu poderia ir reunir-me à minha esposa em Orléans.’ – Mas não podes fazê-lo tu mesmo? – ‘Não. *Não consigo levantar nada.* Depois do *sono* que experimentei durante a doença, estou completamente mudado; não sei mais onde me encontro. Tenho pesadelos.’ – De onde vens? – ‘De B...’ – Do castelo? – ‘Não!’, respondeu-me com um grito de horror, levando a mão à frente; ‘venho do cemitério!’ – Após um gesto de desespero, acrescentou: – ‘Olha, meu caro amigo, dize a todos os meus parentes que orem por mim, porque sou muito infeliz.’ – A estas palavras fugiu e o perdi de vista. Quando veio me procurar e sacudir as cortinas com impaciência, seu rosto exprimia terrível alucinação. Ao lhe perguntar como foi capaz de sacudir as cortinas, logo ele que me dizia nada poder levantar, respondeu-me bruscamente: ‘Com meu sopro!’ ”

“No dia seguinte fiquei sabendo que sua viúva e seu filho haviam realmente partido para Orléans.”

Esta última aparição é notável, pela ilusão que leva certos Espíritos a se crerem ainda vivos e, sobretudo, porque no

presente caso essa ilusão prolongou-se por muito mais tempo do que em casos análogos. Muito comumente ela não dura senão alguns dias, ao passo que ele não se julgava morto apesar de já decorridos mais de três meses de seu trespasse. Aliás, a situação é perfeitamente idêntica à que observamos muitas vezes. Ele vê tudo como se estivesse vivo; quer falar e se surpreende por não ser ouvido. Ocupa-se ou julga ocupar-se com suas tarefas habituais. A existência do perispírito é aqui demonstrada de maneira admirável, abstração feita da visão. Desde que se vê vivo, é que vê um corpo semelhante ao que deixou; esse corpo age como teria agido o outro; para ele nada parece ter mudado: apenas ainda não estudou as propriedades de seu novo corpo. Julga-o denso e material como o primeiro, e espanta-se, porque nada pode levantar. Entretanto, em sua situação percebe algo de estranho, que não compreende. Supõe-se dominado por um pesadelo; toma a morte por um sono: é um estado misto entre a vida corporal e a vida espírita, estado sempre penoso e cheio de ansiedade, e que tem um pouco de ambas as vidas. Como já dissemos alhures, é o que ocorre de modo mais ou menos constante nas mortes instantâneas, tais como as que se dão por suicídio, apoplexia, suplício, combate, etc.

Sabemos que a separação entre o corpo e o perispírito se opera gradualmente e não de modo brusco; começa antes da morte, quando esta sobrevém pela extinção natural das forças vitais, seja pela idade, seja pela doença, sobretudo nas pessoas que em vida pressentem seu fim e *em pensamento se identificam* com a existência futura, de tal sorte que, ao exalarem o último suspiro, a separação é mais ou menos completa. Quando a morte surpreende um corpo cheio de vida, a separação não começa senão nesse momento, para acabar pouco a pouco. Enquanto existir uma ligação entre o corpo e o Espírito, este estará perturbado e, caso entre bruscamente no mundo dos Espíritos, experimentará um sobressalto que não lhe permitirá reconhecer imediatamente a sua situação, bem como as propriedades de seu novo corpo. É necessário ensaiar de alguma maneira e é isso que o faz pensar que ainda pertence a este mundo.

Além das circunstâncias de morte violenta, há outras que tornam mais tenazes os laços entre o corpo e o Espírito, porque a ilusão de que falamos observa-se igualmente em certos casos de morte natural: é quando o indivíduo viveu mais a vida material que a vida moral. Concebe-se que o seu apego à matéria o retém ainda depois da morte, prolongando, assim, a idéia de que nada mudou para ele. Tal é o caso da pessoa de quem acabamos de falar.

Notemos a diferença existente entre a situação desse indivíduo e a do segundo parente: um ainda quer mandar; julga necessitar de suas malas, de seus cavalos, de sua carruagem, para ir ao encontro da esposa; ainda não sabe que, como Espírito, pode fazê-lo instantaneamente ou, melhor dizendo, seu perispírito ainda é tão material que se julga submetido a todas as necessidades do corpo. O outro, que viveu a vida moral, que tinha sentimentos religiosos, que se identificou com a vida futura, embora surpreendido de modo mais inesperado que o primeiro já está desprendido: diz que vive no meio da família, mas sabe que é um Espírito; fala à esposa e aos filhos, mas sabe que o faz pelo pensamento. Numa palavra, já não tem ilusões, ao passo que o outro ainda se acha perturbado e angustiado. De tal forma possui o sentimento da vida real que viu a esposa e o filho que partiam, como realmente partiram no dia indicado, fato ignorado pelo parente a quem apareceu.

Notemos, além disso, uma expressão muito característica de sua parte, que bem descreve a sua posição. À pergunta: “De onde vens?” respondeu inicialmente pelo nome do lugar que habitava; a seguir, a esta outra pergunta: “Do castelo?” Não! Venho do cemitério – respondeu com pavor. Ora, isto prova uma coisa: que não sendo completo o desprendimento, uma espécie de atração ainda existia entre o Espírito e o corpo, que o levou a dizer que vinha do cemitério. Mas nesse momento parece que começou a compreender a verdade. A própria pergunta parece colocá-lo no caminho, chamando-lhe a atenção para seus despojos. Daí por que pronunciou a palavra cemitério com pavor.

Os exemplos desta natureza são muito numerosos. Um dos mais admiráveis é o do suicida da Samaritana, que referimos no nosso número de junho de 1858. Evocado vários dias após sua morte, esse homem também afirmava estar ainda vivo, embora dissesse: “Entretanto, sinto os vermes a me corroerem.” Como fizemos observar em nosso relato, não se tratava de uma lembrança, desde que em vida não era corroído pelos vermes. Era, pois, um sentimento atual, uma espécie de repercussão, transmitida do corpo ao Espírito pela comunicação fluídica ainda existente entre ambos. Esta comunicação nem sempre se traduz da mesma maneira, mas é sempre mais ou menos penosa, como se fora um primeiro castigo para aquele que em vida se identificou demasiadamente com a matéria.

Que diferença da calma, da serenidade, da suave quietude dos que morrem sem remorsos, com a consciência de terem bem empregado seu tempo de estágio na Terra, dos que não se deixaram dominar pelas paixões! A passagem é curta e sem amargura; a morte, para eles, é o retorno do exílio à pátria verdadeira. Haverá nisso uma teoria, um sistema? Não; é o quadro que nos oferecem todos os dias nossas comunicações de além-túmulo, quadro cujos aspectos variam ao infinito, e onde cada um pode colher um ensinamento útil, porque encontra exemplos que poderá aproveitar, caso se dê ao trabalho de consultá-los. É um espelho onde se pode reconhecer todo aquele que não se ache engeuecido pelo orgulho.

Doutrina da Reencarnação Entre os Hindus

(NOTA COMUNICADA À SOCIEDADE PELO SR. TUG...)

Geralmente se pensa que os hindus só admitem a reencarnação como expiação. Segundo eles, a reencarnação só se

daria em corpos animais. No entanto, as linhas que se seguem, extraídas da viagem da Sra. Ida Pfeiffer, parecem provar que a tal respeito os indianos têm idéias mais sadias.

Diz a Sra. Pfeiffer: “Em geral as meninas ficam noivas com um ano de idade. Se o noivo vem a morrer, ela é considerada viúva, ficando impedida de casar-se. A viuvez é reputada como uma grande infelicidade. Pensam eles que isso se deve à posição das mulheres cuja conduta não foi irrepreensível *numa vida anterior*.”

Malgrado a importância que não se pode recusar a estas últimas palavras, forçoso é reconhecer que entre a metempsicose dos hindus e a doutrina admitida pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos há uma diferença capital. Citemos aqui o que diz Zimmermann sobre a religião hindu, no “Diário de viagem”. (Taschenbuch der Reisen)

“O fundo dessa religião é a crença num ser primeiro e supremo, na imortalidade da alma e na recompensa à virtude. O verdadeiro e único Deus se chama *Brahm*, o qual não deve ser confundido com *Brahma*, criado por ele. É a verdadeira luz, que é a mesma, eterna, bem-aventurada em todos os tempos e lugares. Da essência imortal de *Brahm* emanou a deusa *Bhavani*, isto é, a Natureza, e uma legião de 1.180 milhões de Espíritos. Entre esses Espíritos há três semideuses ou gênios superiores: *Brahma*, *Vishnu* e *Shiva*, a trindade dos hindus. Durante muito tempo a concórdia e a felicidade reinaram entre os Espíritos. Mais tarde, porém, eclodiu uma revolta entre eles e vários se recusaram a obedecer. Os rebeldes foram precipitados do alto dos céus no abismo das trevas. Deu-se, então, a metempsicose: cada planta, cada ser foi animado por um anjo decaído. Esta crença explica a bondade dos hindus para com os animais: consideram-nos como seus semelhantes e não querem matar nenhum.

“Somos induzidos a crer que não foi senão a ação do tempo que levou tudo quanto existe de bizarro nessa religião, mal

compreendida e falseada na boca do povo, a descer à posição de insana charlatanice. Basta indicar os atributos de algumas de suas principais divindades para explicar o estado atual de sua religião. Eles admitem 333 milhões de divindades inferiores: são as deusas dos elementos, dos fenômenos da Natureza, das artes, das doenças, etc. Além disso, há os bons e os maus gênios: o número dos bons ultrapassa o dos maus em três milhões.

“O que é extremamente notável – acrescenta Zimmermann – é que não se encontra, entre os hindus, uma única imagem do Ser Supremo: parece-lhes demasiado grande. Dizem que toda a Terra é o seu templo e o adoram sob todas as formas.”

Assim, conforme os hindus, as almas tinham sido criadas felizes e perfeitas e sua decadência resultou de uma rebelião; sua encarnação no corpo de animais é uma punição. Conforme a Doutrina Espírita, as almas foram e *ainda são* criadas simples e ignorantes; é pelas encarnações sucessivas que chegam, graças a seus esforços e à misericórdia divina, à perfeição que lhes proporcionará a felicidade eterna. Devendo progredir, a alma pode permanecer estacionária durante um período mais ou menos longo, mas não retrograda. O que adquiriu em conhecimento e em moralidade não se perde. Se não avança, também não recua: eis por que não pode voltar a animar os seres inferiores à Humanidade. Desse modo, a metempsicose dos hindus está fundada sobre o princípio da degradação das almas. A reencarnação, segundo os Espíritos, está fundada no princípio da progressão contínua. Segundo os hindus, a alma começou pela perfeição para chegar à abjeção; a perfeição é o começo e a abjeção, o resultado. Conforme os Espíritos, a ignorância é o começo; a perfeição, o objetivo e o resultado. Seria supérfluo procurar demonstrar qual dessas duas doutrinas é mais racional e dá uma idéia mais elevada da justiça e da bondade de Deus. É, pois, por completa ignorância de seus princípios que algumas pessoas as confundem.

Tug...

Conversas Familiares de Além-Túmulo

SRA. IDA PFEIFFER, CÉLEBRE VIAJANTE

(Sociedade, 7 de setembro de 1859)

O relato seguinte é extraído da *Segunda viagem ao redor do mundo*, da Sra. Ida Pfeiffer, página 345.

“Considerando que estou a falar de coisas muito estranhas, é preciso que faça menção de um acontecimento enigmático que se passou há vários anos em Java e que causou tanta sensação que chegou a ponto de chamar a atenção do governo.

“Na residência de Chéribon havia uma casinha, na qual, segundo dizia o povo, apareciam Espíritos. Ao anoitecer, choviam pedras de todos os lados no quarto e por todos os lados cuspiam *siri*³⁰. Tanto as pedras quanto as cuspinhadas caíam muito perto das pessoas que se encontravam no aposento, sem, contudo, atingi-las ou feri-las. Parece que tudo se dirigia principalmente contra uma criança. Tanto se falou desse caso inexplicável que o governo holandês finalmente encarregou um oficial superior, de sua confiança, para o examinar. Este postou em torno da casa homens seguros e fiéis, com a ordem de não permitirem a entrada ou a saída de quem quer que fosse. Examinou tudo escrupulosamente e, tomando em seu colo a criança designada, sentou-se no quarto fatal. Ao anoitecer, como de costume, começou a chuva de pedras e de *siri*: tudo caía perto do oficial e da criança, sem os atingir. Examinaram novamente cada recanto, cada buraco, mas nada descobriram. O oficial não compreendeu patavina. Mandou reunir as pedras, marcá-las e escondê-las num local bem afastado. Foi tudo em vão: as mesmas pedras caíram novamente no aposento, à mesma hora. Finalmente, para pôr termo a essa história inconcebível, o governador mandou demolir a casa.”

30 Preparação que os javaneses mascam continuamente, e que dá à boca e à saliva a cor do sangue.

A pessoa que colheu esse fato, em 1853, era uma mulher verdadeiramente superior, não tanto por sua instrução e talento, senão pela incrível energia de seu caráter. À parte essa ardente curiosidade e essa coragem indômita, que dela fizeram a mais extraordinária viajante que jamais existiu, a Sra. Pfeiffer nada tinha de excêntrico. Era mulher de uma piedade suave e esclarecida, tendo dado inúmeras provas de estar longe de ser supersticiosa. Comprometeu-se a só contar aquilo que ela mesma tivesse visto, ou obtido de fonte segura. (Ver a *Revista de Paris*, de 1º de setembro de 1856 e o *Dicionário dos Contemporâneos*, de Vapereau).

1. Evocação da Sra. Pfeiffer.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Estais surpreendida com o nosso apelo e por vos encontrardes entre nós?

Resp. – Estou surpreendida com a rapidez de minha viagem.

3. Como fostes prevenida de que desejaríamos falar convosco?

Resp. – Fui trazida aqui sem de nada suspeitar.

4. Entretanto, deveríeis ter recebido um aviso qualquer

Resp. – Um arrastamento irresistível.

5. Onde estáveis quando vos chamamos?

Resp. – Junto a um Espírito que tenho a missão de guiar.

6. Tivestes consciência dos lugares que atravessáveis para vir até aqui, ou aqui vos encontrastes subitamente, sem transição?

Resp. – Subitamente.

7. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Sim. Mais feliz do que isso é impossível.

8. De onde vinha esse gosto pronunciado pelas viagens?

Resp. – Eu havia sido marinheiro numa vida precedente e o gosto que adquiri pelas viagens naquela existência refletiu-se nesta, malgrado o sexo que eu havia escolhido para me subtrair a isso.

9. Essas viagens contribuíram para o vosso progresso como Espírito?

Resp. – Sim, porque as fiz com espírito de observação, que me faltou na existência precedente, onde não me ocupava senão do comércio e das coisas materiais: é por essa razão que imaginava avançar mais em uma vida sedentária. Mas Deus, tão bom e tão sábio em seus desígnios, que não podemos penetrar, permitiu-me utilizasse minhas inclinações em favor do progresso que eu havia solicitado.

10. Das nações que visitastes, qual a que vos pareceu mais adiantada e que vos mereceu a preferência? Não dissestes em vida que colocaríeis certas tribos da Oceania acima das nações civilizadas?

Resp. – Era uma idéia errada. Hoje prefiro a França, pois compreendo sua missão e antevejo o seu destino.

11. Que destino prevedes para a França?

Resp. – Não vos posso dizer o seu destino; mas sua missão é espalhar o progresso, as luzes e, por conseguinte, o Espiritismo *verdadeiro*.

12. Em que vos pareciam os selvagens da Oceania mais adiantados que os americanos?

Resp. – À parte os vícios vinculados à vida selvagem, neles eu encontrara qualidades sérias e sólidas que não encontrei nos outros.

13. Confirmais o fato que se teria passado em Java e que está relatado em uma de vossas obras?

Resp. – Confirmo-o em parte; o caso das pedras marcadas e lançadas novamente merece explicação: eram pedras semelhantes, mas não as *mesmas*.

14. A que atribuí esse fenômeno?

Resp. – Não sabia a que atribui-lo. Eu me perguntava se, de fato, o diabo existia, respondendo a mim mesma: Não; e fiquei nisso.

15. Agora que podeis compreender a causa, poderíeis dizer de onde vinham essas pedras? Eram transportadas ou fabricadas especialmente pelos Espíritos?

Resp. – Eram transportadas. Para eles era mais fácil trazê-las do que aglomerá-las.

16. E de onde provinha aquele *siri*? Era feito por eles?

Resp. – Sim; era mais fácil e, além disso, inevitável, pois que lhes seria impossível encontrá-lo já preparado.

17. Qual era o objetivo dessas manifestações?

Resp. – Como sempre, chamar a atenção e fazer constatar um fato do qual se devia falar e procurar a explicação.

Observação – Alguém faz observar que tal constatação não poderia levar a nenhum resultado sério entre aqueles povos; mas respondem que há um resultado real: pelo relato e pelo testemunho da Sra. Pfeiffer, o mesmo chegou ao conhecimento dos povos civilizados, que o comentam e lhe tiram conseqüências. Aliás, os holandeses é que foram chamados para constatá-los.

18. Deveria haver um motivo especial, sobretudo quanto à criança atormentada por esses Espíritos?

Resp. – A criança possuía uma influência favorável, eis tudo, pois pessoalmente não sofreu nenhum toque.

19. Desde que esses fenômenos eram produzidos por Espíritos, por que cessaram quando a casa foi demolida?

Resp. – Cessaram porque julgaram inútil continuar; não pergunteis, contudo, se eles *teriam podido continuar*.

20. Agradecemos por terdes vindo e respondido às nossas perguntas.

Resp. – Estou inteiramente às vossas ordens.

PRIVAT D'ANGLEMONT

(Primeira conversa – 2 de setembro de 1859)

No jornal *Pays*, de 15 de agosto de 1859, lê-se o seguinte necrológio de Privat d'Anglemont, homem de letras, falecido no Hospício Dubois.

“Suas extravagâncias jamais fizeram mal a ninguém; só a última foi má e voltou-se contra ele. Ao entrar na casa de saúde em que acaba de morrer, Privat d'Anglemont cometeu a imprudência de dizer que era anabatista e adepto da doutrina de Swedenborg. Havia dito tantas coisas semelhantes em sua vida! Mas desta vez a morte o surpreendeu sem que tivesse tempo de desmentir-se. Em represália, foi-lhe negada a suprema consolação da cruz em sua cabeceira; seu cortejo fúnebre defrontou-se com uma igreja mas teve que passar ao largo; a cruz não veio recebê-lo à porta do cemitério. Quando o esquife desceu ao túmulo, Édouard Fournier, ao pronunciar tocantes palavras sobre esse corpo, não ousou desejar-lhe mais do que o sono eterno. Todos os seus amigos se afastaram, admirados de não o terem saudado, um por um, com aquela água que se parece com as lágrimas, e que tudo purifica. Fazei, pois, uma subscrição e tentai edificar alguma coisa sobre uma sepultura sem esperança! Pobre Privat! Eu não o confio menos àquele que conhece todas as misérias de nossa alma e que pôs o perdão como lei na efusão de um coração afetuoso.”

Faremos uma nota preliminar sobre esta notícia. Não haverá algo de atroz na idéia de uma sepultura sem esperança, não merecendo sequer a honra de um monumento? Certamente a vida de Privat poderia ter sido mais meritória. É incontestável que cometeu erros. Mas ninguém poderá dizer que foi um homem mau que, como tantos outros, fazia o mal a bel-prazer, sob o manto da hipocrisia. Pelo fato de em seus últimos momentos na Terra ter sido privado das preces dedicadas aos crentes, preces que seus amigos pouco caridosos igualmente lhe negaram, haverá Deus de o condenar para sempre, não lhe deixando senão o sono eterno como suprema esperança? Em outras palavras, aos olhos de Deus ele não passaria de um animal, logo ele, homem de inteligência, indiferente, é verdade, aos bens e favores do mundo, vivendo despreocupado com o amanhã, mas, incontestavelmente, homem de pensamento, para não dizer um gênio transcendente? A ser correto esse raciocínio, quanto deve ser assustador o número dos que mergulham no nada! Convenhamos que os Espíritos nos dão de Deus uma idéia muito mais sublime, de ordinário no-lo apresentando sempre disposto a estender a mão em socorro daquele que reconhece seus erros, ao qual sempre deixa uma âncora de salvação.

1. *Evocação*

Resp. – Eis-me aqui. Que desejais, meus amigos?

2. Tendes consciência clara de vossa situação atual?

Resp. – Não; não totalmente, mas espero tê-la sem tardança, porque, felizmente para mim, Deus não me parece querer afastar dele, malgrado a vida quase inútil que levei na Terra; mais tarde terei uma posição bastante feliz no mundo dos Espíritos.

3. Reconhecestes imediatamente a vossa situação no momento da morte?

Resp. – Fiquei perturbado, o que é compreensível, mas não tanto quanto se poderia supor, pois sempre gostei do que era etéreo, poético, sonhador.

4. Podeis descrever o que convosco se passou naquele momento?

Resp. – Nada se passou de extraordinário e diferente daquilo que já sabeis. Inútil, pois, falar ainda disso.

5. Vedes as coisas tão claramente como no tempo em que vivíeis?

Resp. – Não; ainda não, mas as verei.

6. Que impressão vos causa a visão atual dos homens e das coisas?

Resp. – Meu Deus! Aquilo que sempre pensei.

7. Em que vos ocupais?

Resp. – Não faço nada; sou errante. Não procuro uma posição social, mas uma posição espírita; outro mundo, outra ocupação: é a lei natural das coisas.

8. Podeis transportar-vos para qualquer parte que quiserdes?

Resp. – Não; eu seria muito feliz; meu mundo é limitado.

9. Necessitais de um tempo apreciável para vos transportar de um lugar a outro?

Resp. – Bastante apreciável.

10. Quando vivo, constatáveis vossa individualidade por intermédio do corpo. Agora, porém, que não mais o possuís, como a comprovais?

Resp. – Ah! É estranho! Eis uma coisa em que ainda não havia pensado; têm razão os que dizem que aprendemos algo todos os dias. Obrigado, caro confrade.

11. Pois bem! Já que chamamos vossa atenção sobre este ponto, refleti e respondi-nos.

Resp. – Eu vos disse que estou limitado quanto ao espaço. Infelizmente eu, que sempre tive uma imaginação viva, estou também limitado quanto ao pensamento. Responderei mais tarde.

12. Quando vivo, qual era a vossa opinião sobre o estado da alma após a morte?

Resp. – Eu a supunha imortal, isto é evidente. Confesso, porém, para minha vergonha, que não acreditava ou, pelo menos, não tinha uma opinião segura sobre a reencarnação.

13. Qual era a fonte do caráter original que vos distinguia?

Resp. – Não havia uma causa direta; alguns são profundos, sérios, filósofos; eu era alegre, vivo, original. É uma variedade de caráter, eis tudo.

14. Não teríeis podido, pelo vosso talento, libertar-vos dessa vida boêmia que vos deixava à mercê das necessidades materiais, pois creio que muitas vezes vos faltava o necessário?

Resp. – Muito freqüentemente. Mas, que quereis? Eu vivia como ordenava o meu caráter. Depois, jamais me dobrei às tolas convenções do mundo. Eu não sabia o que era ir mendigar proteção; a arte pela arte, eis o meu princípio.

15. Qual a vossa esperança para o futuro?

Resp. – Ainda não sei.

16. Recordais a existência que precedeu a que acabais de deixar?

Resp. – Foi boa.

Observação – Alguém observou que estas últimas palavras poderiam ser tomadas como uma exclamação irônica, o que seria próprio do caráter de Privat. Ele respondeu espontaneamente:

– Peço-vos mil desculpas. Eu não estava gracejando. É verdade que para vós sou um Espírito pouco instrutivo. Mas, enfim, não quero brincar com coisas sérias. Terminemos; não desejo falar mais. Até logo.

(Segunda conversa - 9 de setembro de 1859)³¹

1. Evocação

Resp. – Vamos, meus amigos! Então ainda não acabastes de fazer-me perguntas, bem sensatas, aliás, mas às quais não posso responder?

2. Sem dúvida é por modéstia que falais assim, porquanto a inteligência que revelastes em vida e a maneira pela qual respondestes provam que o vosso Espírito se encontra acima do vulgo.

Resp. – Lisonjeador!

3. Não; não lisonjamos. Dizemos o que pensamos. Aliás, sabemos que a lisonja seria um despropósito para com os Espíritos. Por ocasião de vossa última conversa, deixastes-nos bruscamente. Poderíeis dizer-nos a razão?

Resp. – Eis a razão, em toda a sua simplicidade: fazeis perguntas tão fora de minhas idéias que me sinto embaraçado em respondê-las. Havereis de compreender, portanto, o natural impulso de orgulho que experimentei ao ficar calado.

4. Vedes outros Espíritos ao vosso lado?

Resp. – Vejo-os em quantidade: aqui, ali, por toda parte.

5. Refletistes sobre a pergunta que vos fizemos e que prometestes respondê-la em outra ocasião? Eu a repito: Quando vivo, constatáveis vossa individualidade por intermédio do corpo. Agora, porém, que não mais o possuíis, como a comprovais? Numa

³¹ **N. do T.:** Embora no original francês se leia *quatrième entretien*, trata-se, na verdade, da segunda conversa de Privat d'Anglemont, conforme facilmente se infere da seqüência com que foram ditadas.

palavra: como vos distinguis dos outros seres espirituais, que vedes à vossa volta?

Resp. – Se posso exprimir o que sinto, dir-vos-ei que ainda conservo uma espécie de essência, dada por minha individualidade, e que não me deixa nenhuma dúvida de que realmente eu sou eu mesmo, embora morto para a Terra. Encontro-me ainda num mundo novo, muito novo para mim... (Após alguma hesitação). Enfim, constato a minha individualidade por meu perispírito, que é a forma que possuía neste mundo.

Observação – Pensamos que esta última resposta lhe foi soprada por outro Espírito, porque sua precisão contrasta com o embaraço que no início parecia demonstrar.

6. Assististes aos vossos funerais?

Resp. – Sim, mas não atino por quê.

7. Que sensação experimentastes?

Resp. – Vi com prazer, com muita satisfação, que deixando a Terra, nela deixava muitas mágoas.

8. De onde vos surgiu a idéia de passar por anabatista e swedenborguiano? Havíeis estudado a doutrina de Swedenborg?

Resp. – É mais uma de minhas idéias excêntricas, em meio a tantas outras.

9. Que pensais do pequeno necrológio publicado a vosso respeito no jornal Pays?

Resp. – Deixais-me embaraçado, pois se publicardes essas comunicações na *Revista* por certo dareis prazer a quem as escreveu; quanto a mim, para quem elas foram feitas, direi o quê? Que são frases bonitas, nada mais que frases bonitas.

10. Ides algumas vezes rever os locais que freqüentáveis em vida, e os amigos que deixastes?

Resp. – Sim, e ousou dizer que ainda encontro nisso uma certa satisfação. Quanto aos amigos, eram pouco sinceros; muitos me apertavam a mão sem ter coragem de dizer que eu era excêntrico e, por detrás, me criticavam e me tratavam de louco.

11. Aonde pretendeis ir ao deixar-nos? Isto não é uma pergunta indiscreta, mas para nossa instrução.

Resp. – Aonde irei?... Vejamos... Ah! uma excelente idéia... Vou me conceder uma pequena alegria... uma vez apenas não cria hábito... Farei um pequeno passeio; visitarei um quatinho que me deixou em vida lembranças muito agradáveis... Sim, é uma boa idéia; ali passarei a noite à cabeceira de um pobre coitado, um escultor que esta noite não jantou e que pediu ao sono o alívio para sua fome... Quem dorme janta... Pobre rapaz! Fica tranqüilo; irei proporcionar-te sonhos magníficos.

12. Não poderíamos saber o endereço desse escultor, a fim de o auxiliarmos?

Resp. – Eis uma pergunta que poderia ser indiscreta, se eu não conhecesse o louvável sentimento que a ditou... Não posso respondê-la.

13. Poderíeis ditar-nos alguma coisa sobre um assunto de vossa escolha? Vosso talento de literato deve tornar fácil a tarefa.

Resp. – Ainda não. Entretanto, pareceis tão afáveis, tão compassivos, que prometo escrever alguma coisa. Agora, talvez, eu fosse muito eloqüente; mas temo que minhas comunicações sejam ainda muito terrestres; deixai que minha alma se depure um pouco; aguardai que ela abandone esse invólucro grosseiro que ainda a retém, para então vos prometer uma comunicação. Só vos peço uma coisa: rogai a Deus, nosso soberano Senhor, que me conceda o perdão e o olvido de minha inutilidade na Terra, tendo em vista que cada homem tem a sua missão aqui. Infeliz daquele que não a desempenha com fé e religiosidade. Orai! Orai! Adeus.

(Terceira conversa)

Há muito tempo estou aqui. Prometi dizer alguma coisa e direi.

Sabeis, amigos, que nada é mais embaraçoso do que falar assim, sem preâmbulo, e atacar um assunto sério. Um sábio não prepara suas obras senão depois de longa reflexão, após haver amadurecido longamente o que vai dizer, aquilo que vai empreender. Quanto a mim, lamento bastante não ter ainda encontrado um assunto que seja digno de vós. Só vos posso dizer puerilidades. Prefiro, pois, pedir-vos um adiamento de oito dias, como se diz no tribunal. Talvez, então, eu tenha encontrado alguma coisa que vos possa interessar e instruir.

Tendo o médium insistido mentalmente para que ele dissesse alguma coisa, acrescentou: – Mas meu caro, eu te acho admirável! Não; prefiro ficar como ouvinte. Então não sabes que há tanta instrução para mim quanto para vós em ouvir o que aqui se discute? Não; insisto que ficarei apenas como ouvinte; no meu caso é um papel muito mais instrutivo. Apesar da tua insistência, não desejo responder. Crês, por acaso, que me seria muito mais agradável dizer: Ah! esta noite evocaram Privat d’Anglemont? – É verdade? Que disse ele? – Nada, absolutamente nada. – Obrigado! Prefiro que conservem de mim uma boa impressão. A cada um as suas idéias.

Comunicação espontânea de Privat D’Anglemont

(Quarta conversa – 30 de setembro de 1859)

“Eis que finalmente o Espiritismo faz um grande barulho por toda parte; e eis que os jornais dele se ocupam, de maneira indireta, é verdade, citando fatos extraordinários de aparições, de batidas, etc. Meus ex-confrades citam os fatos sem comentários, no que dão provas de inteligência, porquanto jamais a

Doutrina Espírita deve ser mal discutida ou tomada como coisa má. Entretanto, eles ainda não admitiram a veracidade do papel do médium. Duvidam. Mas eu lhes refuto as objeções, dizendo que eles mesmos são médiuns. Todos os escritores, grandes e pequenos, o são em maior ou menor grau. E o são no sentido de que os Espíritos que se acham à sua volta atuam sobre o seu sistema mental e muitas vezes lhes inspiram pensamentos que eles se vangloriam de os ter concebido. Certamente jamais acreditariam que Privat d'Anglemont, Espírito leviano por excelência, tivesse resolvido esta questão. No entanto, não digo senão a verdade e, como prova, dou uma mostra muito simples: Como é que depois de haverem escrito durante algum tempo, eles se acham numa espécie de superexcitação e num estado febril pouco comum? Direis que é o esforço da atenção. Mas quando estais muito atentos numa coisa, contemplando um quadro, por exemplo, sentis febre? Não, não é mesmo? É necessário, pois, que haja outra causa. Muito bem! Repito que a causa está na modalidade de comunicação existente entre o cérebro do escritor e os Espíritos que o rodeiam. Agora, meus caros confrades, chicoteai o Espiritismo, se isso vos parece correto. Ridicularizai-o, ride; seguramente não estareis zombando senão de vós mesmos, nem dando bordoadas a não ser em vós próprios... Compreendeis?

Privat d'Anglemont

O médium que na Sociedade servira de intérprete a Privat d'Anglemont teve a idéia de evocá-lo particularmente, dele obtendo a conversa que se segue. Parece que o Espírito sentiu por ele uma certa afeição, seja porque nele encontrasse um instrumento fácil, seja por que entre eles houvesse simpatia. Este médium é um jovem estreante na carreira literária e seus promissores ensaios prenunciam disposições que por certo Privat terá prazer em encorajar.

1. Evocação - Eis-me aqui. Já estou contigo há algum

tempo. Esperava essa evocação de tua parte. Fui eu que, há pouco tempo, te inspirei alguns bons pensamentos. Isto era, meu caro amigo, para te consolar um pouco e fazer-te suportar com mais coragem as penas deste mundo. Pensais, então, que eu também não tenha sofrido muito mais do que imaginais, vós que sorriéis de minhas excentricidades? Debaixo dessa couraça de indiferença que eu sempre afetava, quantas mágoas, quantas dores não ocultei! Mas eu tinha uma qualidade muito preciosa para um homem de letras ou para um artista: não importa em que situação, sempre temperei meus sofrimentos com a alegria. Quando sofria muito, fazia gracejos, trocadilhos e brincadeiras de mau gosto. Quantas vezes a fome, a sede, e o frio não me bateram à porta! E quantas vezes não lhes respondi com uma longa e alegre gargalhada! Gargalhada fingida, dirás. Ah! Não, meu amigo, confesso-te que eu era sincero. Que queres? Sempre tive o mais indiferente caráter que se possa ter. Jamais me preocupei com o futuro, com o passado e com o presente. Sempre vivi como verdadeiro boêmio, ao Deus dará, gastando cinco francos quando os tinha, e mesmo que não os tivesse; e não era mais rico, quatro dias depois de ter recebido o salário, do que o havia sido na véspera.

Certamente não desejo a ninguém esta vida inútil que levei, incoerente e irracional. As excentricidades não são mais do nosso tempo. As idéias novas, por isso mesmo, fizeram rápidos progressos. É uma vida de que absolutamente não me vanglorio e da qual por vezes me envergonho. A juventude deve ser estudiosa: deve, pelo trabalho, fortalecer a inteligência, a fim de melhor conhecer e apreciar os homens e as coisas.

Desiludi-vos, jovens, se pensais que ao sair do colégio já sois homens completos, ou sábios. Tendes a chave para tudo saber. Compete-vos agora trabalhar e estudar, entrando mais resolutamente no vasto campo que vos é oferecido, cujos caminhos foram aplanados por vossos estudos no colégio. Sei que a juventude necessita de distrações: o contrário seria um atentado à

Natureza; entretanto, não deveis buscá-las em excesso, porquanto aquele que na primavera da vida só pensou no prazer, prepara mais tarde penosos remorsos. É então que a experiência e as necessidades deste mundo lhe ensinam que os momentos perdidos jamais se recuperam. Os moços necessitam de leituras sérias. Muitas vezes os autores antigos são os melhores, porque seus bons pensamentos sugerem outros. Eles devem evitar principalmente os romances, que apenas excitam a imaginação e deixam vazio o coração. Os romances não deveriam ser tolerados senão como distração, uma vez ou outra, e para certas senhoras que não têm algo melhor a fazer. Instrui-vos! Instrui-vos! Aperfeiçoai a inteligência de que Deus vos dotou. Só a este preço seremos dignos de viver.

– Tua linguagem me espanta, caro Privat. Tu te apresentaste sob aparências muito espirituosas, não resta dúvida, mas não como um Espírito profundo, e agora... – R. Alto lá, rapaz! paremos com isso. Apareci, ou melhor, comuniquei-me convosco como um Espírito um tanto superficial, é verdade, porque ainda não me encontrava totalmente desprendido de meu invólucro terrestre e a condição de Espírito não se havia ainda apresentado em toda a sua realidade. Agora, amigo, sou um Espírito, nada mais que um Espírito. Vejo, sinto e experimento tudo como os outros, e minha vida na Terra não me parece mais que um sonho. E que sonho! Estou parcialmente habituado a este mundo novo, que deve ser minha morada por algum tempo.

– Quanto tempo imaginas ficar como Espírito, e o que fazes em tua nova existência? Quais são as tuas ocupações? – R. O tempo que devo permanecer como Espírito está nas mãos de Deus e haverá de durar, tanto quando posso conceber, até que Deus julgue minha alma bastante depurada para encarnar numa região superior. Quanto às minhas ocupações, são quase nulas. Ainda estou errante, como consequência da vida que levei na Terra. É assim que aquilo que me parecia um prazer no vosso mundo é

agora uma lástima para mim. Sim, é verdade, eu gostaria de ter uma ocupação séria, interessar-me por alguém que merecesse a minha simpatia, inspirar-lhe bons pensamentos. Mas meu caro amigo, já conversamos bastante e, se me permitires, vou retirar-me. Adeus. Se necessitares de mim, não receies chamar-me: acorrerei com prazer. Coragem! Sê feliz!

DIRKSE LAMMERS

(Sociedade – 11 de novembro de 1859)

Presente à sessão, o Sr. Van B..., de Haia, relata o seguinte fato pessoal:

Numa reunião espírita a que assistia, em Haia, um Espírito que dizia chamar-se *Dirkse Lammers* manifestou-se espontaneamente. Interrogado sobre as particularidades que lhe dizem respeito e sobre o motivo de sua visita a pessoas que não o conhecem e que não o chamaram, assim ele narra a sua história:

“Eu vivia em 1592 e enforquei-me no local em que vos achais neste momento, isto é, num estábulo que então existia no mesmo lugar onde atualmente fica esta casa. Eis as circunstâncias: Eu tinha um cachorro e minha vizinha criava galinhas. Meu cão estrangulou as galinhas e, para vingar-se, a vizinha o envenenou. Em minha cólera, espanquei e feri aquela mulher; ela me denunciou à justiça: fui condenado a três anos de prisão e a uma multa de 25 florins. Embora a condenação fosse bastante leve, nem por isso fiquei com menos ódio do advogado X..., que a tinha provocado e, por isso, resolvi vingar-me dele. Assim decidido, esperei-o num caminho pouco movimentado que ele fazia todas as tardes para ir a Loosduinen, perto de Haia. Estrangulei-o e o pendurei numa árvore. Para fazer crer num suicídio, pus em seu bolso um papel previamente preparado, como se por ele escrito, no qual dizia que ninguém deveria ser acusado de sua morte, posto que ele mesmo atentara contra a própria vida. Desde esse momento o remorso me perseguiu e, como disse, enforquei-me três meses depois, no lugar

onde estais. Impelido por uma força a que não posso resistir, venho confessar meu crime, na esperança de que talvez isso possa trazer algum alívio às angústias que venho suportando desde então.”

Este relato, feito com detalhes tão minuciosos, causou admiração na assembléia. Foram tomadas informações e, pelas pesquisas feitas no cartório verificou-se, com efeito, que em 1592 um advogado chamado X... se havia enforcado no caminho de Loosduinen.

Tendo sido evocado na sessão da Sociedade, no dia 11 de novembro de 1859, o Espírito Dirkse Lammers manifestou-se por atos de violência, quebrando o lápis. Sua escrita era irregular, graúda, quase ilegível, e o médium experimentou extrema dificuldade em traçar os caracteres.

1. *Evocação*

Resp. – Eis-me aqui. Para quê?

2. Reconheceis aqui uma pessoa com a qual vos comunicastes ultimamente?

Resp. – Já dei provas suficientes de minha lucidez e de minha boa vontade. Isto deveria bastar.

3. Com que objetivo vos comunicastes espontaneamente em casa do Sr. Van B...?

Resp. – Não sei. Fui enviado até lá. Por mim mesmo não sentia muita vontade de narrar o que me vi obrigado a dizer.

4. Quem vos obrigou a fazê-lo?

Resp. – A força que nos conduz; nada mais sei a respeito. Fui arrastado, mau grado meu, e forçado a obedecer aos Espíritos que tinham o direito de se fazerem obedecidos.

5. Estais contrariado de vir ao nosso apelo?

Resp. – Bastante; sinto-me deslocado aqui.

6. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Bela pergunta!

7. Que podemos fazer para vos ser agradáveis?

Resp. – Poderíeis fazer algo que me fosse agradável?

8. Certamente; manda a caridade que sejamos úteis, na medida de nossas possibilidades, assim aos Espíritos como aos homens. Desde que sois infeliz, rogaremos para vós a misericórdia de Deus. Comprometemo-nos a orar por vós.

Resp. – Eis, finalmente, depois de séculos, as primeiras palavras dessa natureza que me são dirigidas. Obrigado! Obrigado! Por Deus, que essa não seja uma promessa vã, eu vos imploro.

MICHEL FRANÇOIS

(Sociedade – 11 de novembro de 1859)

O ferrador Michel François, que vivia no fim do século XVII, dirigiu-se ao intendente de Provençe e lhe anunciou que um espectro lhe aparecera e havia ordenado que fosse revelar ao rei Luís XIV certas coisas secretas de grande importância. Fizeram-no partir para a corte em abril de 1697. Garantem alguns que ele falou com o rei; outros, que o rei se recusou a vê-lo. O que é certo, acrescenta-se, é que em lugar de o enviarem à prisão, obteve dinheiro para a viagem e isenção de *talha* e de outros impostos reais.

1. *Evocação*

Resp. – Eis-me aqui.

2. Como soubestes que desejávamos falar convosco?

Resp. – Por que fazeis esta pergunta? Não sabeis que estais cercados de Espíritos que advertem aqueles com os quais desejais falar?

3. Onde estáveis quando vos chamamos?

Resp. – No espaço, já que ainda estou errante.

4. Estais surpreso de vos achar em meio a pessoas vivas?

Resp. – De forma alguma; encontro-me muitas vezes.

5. Lembrai-vos de vossa existência, quando, em 1697, sob o reinado de Luís XIV, éreis ferrador?

Resp. – Muito confusamente.

6. Lembrais da revelação que íeis fazer ao rei?

Resp. – Lembro-me de que devia fazer-lhe uma revelação.

7. Fizestes tal revelação?

Resp. – Sim.

8. Dissestes que um espectro vos tinha aparecido e ordenado que fôsseis revelar certas coisas ao rei. Quem era o espectro?

Resp. – Era o seu irmão.

9. Poderíeis identificá-lo?

Resp. – Não; não me compreenderíeis.

10. Era um homem designado pela alcunha de Máscara de Ferro?

Resp. – Sim.

11. Agora que longe nos encontramos daquele tempo, poderíeis dizer-nos qual o objetivo daquela revelação?

Resp. – Era exatamente informá-lo de sua morte.

12. A morte de quem? De seu irmão?

Resp. – Mas evidentemente!

13. Que impressão causou ao rei essa revelação?

Resp. – Um misto de tristeza e satisfação. Aliás, isto ficou provado pela maneira por que me tratou.

14. Como ele vos tratou?

Resp. – Com bondade e afabilidade.

15. Dizem que um fato semelhante aconteceu com Luís XVIII. Sabeis se isso é verdade?

Resp. – Creio ter havido alguma coisa parecida, mas não estou bem informado.

16. Por que aquele Espírito vos escolheu para tal missão, logo vós, um homem obscuro, em vez de escolher um personagem da corte, que mais facilmente se acercasse do rei?

Resp. – Fui encontrado em seu caminho, dotado da faculdade que ele queria encontrar e que era necessária e, também, porque um personagem da corte não seria aceito como revelador: pensariam que tivesse sido informado por outros meios.

17. Qual era o objetivo dessa revelação, desde que o rei estaria necessariamente informado da morte do irmão, mesmo antes de sabê-la por vosso intermédio?

Resp. – Era para fazê-lo refletir sobre a vida futura e sobre a sorte a que se expunha e que de fato se expôs. Seu fim foi maculado por ações com as quais julgava garantir um futuro que aquela revelação poderia tornar melhor.

Comunicações Espontâneas Obtidas em Sessões da Sociedade

(30 de setembro de 1859 – Mèdium, Sr. R...)

Amai-vos uns aos outros; toda a lei se resume neste preceito, lei divina pela qual Deus cria incessantemente e governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados; a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Jamais vos esqueçais de que o Espírito, seja qual for o seu grau de adiantamento e a sua situação, como reencarnado ou na

erraticidade, está *sempre* colocado entre um superior, que o guia e aperfeiçoa, e um inferior, perante o qual tem os mesmos deveres a cumprir.

Sede, pois, caridosos, não somente dessa caridade que vos leva a tirar do bolso o óbolo que dais friamente àquele que ousa pedir, mas ide ao encontro das misérias ocultas.

Sede indulgentes para com os defeitos de vossos semelhantes. Em lugar de desprezar a ignorância e o vício, instruí-os e moralizai-os. Sede mansos e benevolentes para com tudo que vos seja inferior. Sede-o mesmo perante os seres mais ínfimos da criação, e tereis obedecido à lei de Deus.

Vicente de Paulo

Observação – Geralmente os Espíritos considerados pelos homens como santos não se prevalecem dessa qualidade; assim, São Vicente de Paulo assina simplesmente *Vicente de Paulo*; São Luís assina *Luís*. Aqueles que, ao contrário, usurpam nomes e qualidades que lhes não pertencem, de ordinário exibem falsos títulos, sem dúvida pensando impor-se mais facilmente. Entretanto, essa máscara não pode enganar a quem quer que se dê ao trabalho de lhes estudar a linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente superiores tem uma marca que não nos permite enganar.

(18 de novembro de 1859 – Médiun, Sr. R...)

A união faz a força; sede unidos e sereis fortes. O Espiritismo germinou, lançou raízes profundas; vai estender sobre a Terra seus ramos benfazejos. É preciso que vos torneis invulneráveis aos dardos envenenados da calúnia e da triste falange dos ignorantes, dos egoístas e dos hipócritas. Para chegar a isso, que uma indulgência e uma benevolência recíprocas presidam às vossas relações; que vossos defeitos passem despercebidos e que somente vossas qualidades sejam notadas; que o facho da santa amizade

reúna, esclareça e aqueça os vossos corações, de tal maneira que possais resistir aos ataques impotentes do mal, como o rochedo inabalável ante a vaga furiosa.

Vicente de Paulo

(23 de setembro de 1859 – Médiun, Sr. R...)

Até o presente não encarastes a guerra senão do ponto de vista material; guerras intestinas, guerras de povos contra povos; nela não vistes mais que conquistas, escravidão, sangue, morte e ruínas. É tempo de considerá-la do ponto de vista moralizador e progressivo. A guerra semeia em sua passagem a morte e as idéias. As idéias germinam e crescem. O Espírito vem fazê-las frutificar depois de se haver retemperado na vida espírita. Não sobrecarregueis, pois, com vossas maldições, o diplomata que preparou a luta, nem o capitão que conduziu seus soldados à vitória. Grandes lutas se preparam: lutas do bem contra o mal, das trevas contra a luz; lutas do Espírito de progresso contra a ignorância estacionária. Esperai com paciência, porquanto nem as vossas maldições, nem os vossos louvores poderão modificar a vontade de Deus. Ele saberá sempre manter ou afastar seus instrumentos do teatro dos acontecimentos, conforme tenham cumprido a sua missão ou dela abusado, para servir a seus pontos de vista pessoais, do poder que tiverem adquirido por seu sucesso. Tendes o exemplo do César moderno e o meu. Por várias existências miseráveis e obscuras, tive de expiar minhas faltas, tendo vivido pela última vez na Terra sob o nome de Luís IX.

Júlio César

O MENINO E O RIACHO – PARÁBOLA

(11 de novembro de 1859 – Médiun, Sr. Did...)

Certo dia um menino chegou junto a um riacho tão veloz que tinha quase a impetuosidade de uma torrente. A água

lançava-se de uma colina vizinha e engrossava à medida que avançava pela planície. O menino pôs-se a examinar a torrente, depois juntou toda sorte de pedras que podia carregar em seus braços pequeninos. Resolveu construir um dique; cega presunção! Malgrado todos os seus esforços e a sua cólera infantil, não o conseguiu. Refletindo então mais seriamente – se é que podemos empregar essa expressão a uma criança – subiu mais alto, abandonou a primeira tentativa e quis fazer seu dique perto da própria fonte do riacho. Infelizmente seus esforços mostraram-se ainda impotentes. Desanimou e foi embora chorando.

Estava-se ainda na bela estação e o riacho não era muito rápido, em comparação com a sua correnteza no inverno. Engrossou, e o menino viu o seu progresso; a água lançava-se com estrondo e furor, derrubando tudo em sua passagem; ele próprio teria sido tragado pelas águas se tivesse ousado aproximar-se, como da primeira vez.

Ó homem fraco! Criança! Tu, que queres levantar uma muralha, um obstáculo intransponível à marcha da verdade, não és mais forte que aquela criança; tua vontade vacilante não é mais vigorosa que os seus pequenos braços. Ainda mesmo que a queiras atingir em sua fonte, ficai certo de que a verdade te arrastará inevitavelmente.

Basilio

OS TRÊS CEGOS – PARÁBOLA

(7 de outubro de 1859 – *Médium, Sr. Did...*)

Um homem rico e generoso, o que é raro, encontrou em seu caminho três infelizes cegos, exaustos de fome e de fadiga. Ofereceu a cada um uma moeda de ouro. O primeiro, cego de nascença, amargurado pela miséria, nem sequer abriu a mão; dizia jamais ter visto oferecer-se ouro a um mendigo: o fato era

impossível. O segundo estendeu maquinalmente a mão, mas logo desprezou a oferta que lhe faziam. Como seu amigo, considerava aquilo uma ilusão ou uma brincadeira de mau gosto; numa palavra, para ele, a moeda era falsa. O terceiro, ao contrário, cheio de fé em Deus e de inteligência, em que a fineza do tato havia parcialmente substituído o sentido que lhe faltava, tomou a moeda, apalpou-a, levantou-se, abençoou seu benfeitor e partiu para a cidade vizinha, a fim de com ela obter o que faltava à sua existência.

Os homens são os cegos; o Espiritismo é o ouro. Julgai a árvore pelos seus frutos.

Lucas

(30 de setembro de 1859 – Médium, Srta. H ...)

Pedi a Deus que me deixasse vir por um instante entre vós, a fim de vos aconselhar a jamais tomar parte em querelas religiosas. Não me refiro a guerras religiosas, porquanto hoje o século está muito avançado para isso. Mas no tempo em que vivi era uma desgraça geral e não pude evitá-la. A fatalidade arrastou-me e empurrei os outros, logo eu que deveria tê-los retido. Assim, tive a minha punição, inicialmente na Terra, e há três séculos expio cruelmente o meu crime. Sede mansos e pacientes com aqueles a quem ensinais. Se a princípio não vos derem ouvidos, haverão de o fazer mais tarde, quando virem a vossa abnegação e o vosso devotamento.

Meus amigos, meus irmãos! Nunca seria demais vos recomendar o meu exemplo, pois nada existe de mais pavoroso do que a matança em nome de um Deus clemente, de uma religião santa, que não prega senão a misericórdia, a bondade e a caridade! Em vez disso, matamos e massacramos para, como se diz, forçar as criaturas que queremos converter a um Deus bondoso. Em lugar de acreditar em vossa palavra, os que sobrevivem se apressam em

vos deixar e de vós se afastam como se fôsseis bestas ferozes. Sejais, pois, bons, eu vo-lo repito e, sobretudo, tolerantes para com aqueles que não crêem como vós.

Carlos IX

1. Poderíeis ter a complacência de responder a algumas perguntas que desejaríamos dirigir-vos?

Resp. – Fa-lo-ei de bom grado.

2. Como expiastes as vossas faltas?

Resp. – Pelo remorso.

3. Tivestes outras existências corpóreas depois daquela que conhecemos?

Resp. – Tive uma; reencarnei-me como um escravo das duas Américas. Sofri bastante e isso apressou a minha purificação.

4. Que aconteceu à vossa mãe, Catarina de Médicis?

Resp. – Ela também sofreu. Encontra-se em outro planeta, onde leva uma vida de devotamento.

5. Poderíeis escrever a história do vosso reino, como o fizeram Luís XI e outros?

Resp. – Também o poderia...

6. Quereis fazê-lo através do médium que vos serve de intérprete neste momento?

Resp. – Sim, este médium pode servir-me, mas não começarei esta noite; não vim para isso.

7. Também não vos pedimos para começar hoje: rogamos que o façais nos momentos de folga, vossos e do médium. Será um trabalho de grande fôlego, que exigirá um certo lapso de tempo. Podemos contar com a vossa promessa?

Resp. – Eu o farei. Até logo.

COMUNICAÇÕES ESTRANGEIRAS LIDAS NAS SOCIEDADES

(Comunicação obtida pela Srta. de P..)

A bondade do Senhor é eterna. Ele não quer a morte de seus filhos queridos. Mas, ó homens! refleti que depende de vós apressar o Reino de Deus na Terra ou de retardar o seu advento; que sois responsáveis uns pelos outros; que, melhorando-vos, trabalhais pela regeneração da Humanidade. A tarefa é grande, a responsabilidade pesa sobre cada um e ninguém pode eximir-se. Abraçai com fervor a gloriosa tarefa que o Senhor vos impõe, mas pedi-lhe que envie trabalhadores para os seus campos, porque, como vos disse o Cristo, a seara é grande, mas os trabalhadores são escassos.

Mas eis que somos enviados como trabalhadores dos vossos corações. Nele semeamos o bom grão. Tende cuidado de não o abafar; regai-o com as lágrimas do arrependimento e da alegria. Do arrependimento, por terdes vivido tanto tempo sobre uma terra maldita pelos pecados do gênero humano, afastados do único Deus verdadeiro, adorando os falsos prazeres do mundo, que não deixam no fundo da taça senão desgostos e tristezas. Chorai de alegria, porque o Senhor vos concedeu graça; porque quer apressar a chegada dos filhos bem-amados ao seio paternal; porque deseja que todos vos revestis da inocência dos anjos, como se jamais vos tivésseis afastado dele.

O único que vos mostrou o caminho pelo qual remontareis a esta glória primitiva; o único ao qual não podeis censurar, por não ter jamais se enganado em seus ensinamentos; o único justo perante Deus; o único, finalmente, que deveis seguir para serdes agradáveis a Deus, é o Cristo. Sim, o Cristo, vosso divino mestre que, durante séculos, esquecestes e desconhecestes. Amai-o, porque ele pede incessantemente por vós; quer vir em vosso socorro. Como! A incredulidade ainda resiste! As maravilhas do Cristo não podem abatê-la! As maravilhas de toda a Criação

ficam impotentes diante desses Espíritos zombadores; sobre esta poeira que não pode prolongar de um só minuto a sua miserável existência! Esses sábios, que imaginam ser os únicos a possuir todos os segredos da Criação, não sabem de onde vêm, nem para onde vão e, no entanto, tudo negam, tudo desafiam. Porque conhecem algumas das leis mais vulgares do mundo material, pensam poder julgar o mundo imaterial, ou melhor, dizem que nada existe de imaterial, que tudo deve obedecer a essas mesmas leis materiais que chegaram a descobrir.

Mas vós, cristãos! sabeis que não podeis negar a nossa intervenção sem que, ao mesmo tempo, negueis o Cristo e negueis toda a Bíblia, porquanto não há uma única página onde não possais encontrar vestígios do mundo visível em relação com o mundo invisível. Dizei, então: sois ou não sois cristãos?

Rembrand

(Outra, obtida pelo Sr. Pêc...)

Cada homem tem em si aquilo a que chamais de uma voz interior. É o que o Espírito chama consciência, juiz severo que preside a todas as ações da vossa vida. Quando o homem está só, ouve essa consciência e pesa as coisas em seu justo valor; freqüentemente se envergonha de si mesmo. Nesse momento, reconhece a Deus; mas a ignorância, conselheira fatal, o impele e lhe põe a máscara do orgulho. Apresenta-se a vós repleto de vacuidade, procurando enganar-vos pelo aparente equilíbrio que afeta. Mas o homem de coração reto não tem altiva a cabeça. Ouve com proveito as palavras do sábio, sente que nada é e que Deus é tudo; procura instruir-se no livro da Natureza, escrito pela mão do Criador. Eleva o seu Espírito, expulsa de seu envoltório as paixões materiais que muito freqüentemente vos transviam. Uma paixão que vos domina é um guia perigoso. Lembra-te disso, amigo; deixa rir o céptico: seu riso se extinguirá. Em sua hora verdadeira o

homem torna-se crente. Assim, pensa sempre em Deus, pois somente ele não se engana. Lembra-te de que existe apenas um caminho que a ele conduz: a fé, o amor aos semelhantes.

Um membro da família

Um Antigo Carreteiro

O excelente médium Sr. V... é um rapaz que geralmente se distingue pela pureza de suas relações com o mundo espírita. Todavia, desde que ocupa o cômodo em que atualmente reside, um Espírito inferior interfere em suas comunicações, intrrompendo-se até mesmo em seus trabalhos pessoais. Achando-se uma noite – 6 de setembro de 1859 – em casa do Sr. Allan Kardec, com quem devia trabalhar, foi importunado por aquele Espírito, que lhe fazia traçar coisas incoerentes ou o impedia de escrever. Dirigindo-se ao Espírito, o Sr. Allan Kardec manteve com ele a seguinte conversa:

1. Por que vens aqui se ninguém te chamou?

Resp. – Quero atormentá-lo.

2. Quem és tu? Dize o teu nome.

Resp. – Não o direi.

3. Qual o teu objetivo, intrrompendo-se naquilo que não te diz respeito? Isto não te traz nenhum proveito.

Resp. – Não; mas o impeço de ter boas comunicações e sei que isto o magoa bastante.

4. És um Espírito mau, pois te alegras em fazer o mal. Em nome de Deus, eu te intimo a que te retires e nos deixes trabalhar em paz.

Resp. – Pensas amedrontar-me com esse vozeirão?

5. Se não é de mim que tens medo, por certo o terás de Deus, em nome do qual te falo e que bem poderá fazer que te arrependas de tua maldade.

Resp. – Não nos zanguemos, burguês.

6. Repito que és um Espírito mau e mais uma vez te peço que não nos impeças de trabalhar.

Resp. – Sou o que sou; é a minha natureza.

Tendo sido chamado um Espírito superior, a quem foi pedido que afastasse o intruso, a fim de não ser interrompido o trabalho, o Espírito mau provavelmente foi embora, porque durante o resto da noite não houve mais nenhuma interrupção. Interrogado sobre a natureza desse Espírito, respondeu o que fora chamado:

Esse Espírito, da mais baixa classe, é um antigo carreiro, falecido perto da casa onde mora o médium V... Escolheu para domicílio o próprio quarto do médium e há muito tempo é ele que o obsidia e o atormenta continuamente. Agora, que sabe que o médium deve deixar o alojamento, por ordem dos Espíritos superiores, atormenta-o mais que nunca. É ainda uma prova de que o médium não escreve o seu próprio pensamento. Vês, assim, que há boas coisas, mesmo nas mais desagradáveis aventuras da vida. Deus revela seu poder por todos os meios possíveis.

– Quando vivo, qual era o caráter desse homem?

Resp. – Tudo o que mais se aproxima do animal. Creio que seus cavalos tinham mais inteligência e sentimento do que ele.

– Por que meio pode o Sr. V... desembaraçar-se dele?

Resp. – Há dois: o meio espiritual, pedindo a Deus; o meio material, deixando a casa onde está.

– Então há realmente lugares assombrados por certos Espíritos?

Resp. – Sim, Espíritos que ainda estão sob a influência da matéria ligam-se a certos locais.

– Os Espíritos que assombram certos lugares podem torná-los fatalmente funestos ou propícios para as pessoas que os habitam?

Resp. – Quem os poderia impedir? Mortos, exercem sua influência como Espíritos; vivos, exercem-na como homens.

– Alguém que não fosse médium, que jamais tivesse ouvido falar de Espíritos ou que neles não acreditasse, poderia sofrer essa influência e ser alvo dos vexames de tais entidades?

Resp. – Indubitavelmente; isso acontece mais freqüentemente do que pensais, e explica muitas coisas.

– Há algum fundamento na crença de que os Espíritos freqüentam de preferência as ruínas ou as casas abandonadas?

Resp. – Superstição.

– Então os Espíritos assombrarão tanto uma casa nova da Rua de Rivoli quanto um velho casebre?

Resp. – Certamente, porquanto podem ser atraídos para um lugar, em vez de o serem para outro, consoante a disposição de espírito dos seus moradores.

Tendo sido evocado na Sociedade através do Sr. R..., o Espírito do carreteiro manifestou-se por sinais de violência, quebrando o lápis, que forçava contra o papel, e com uma escrita grosseira, trêmula, irregular e pouco legível.

1. Evocação

Resp. – Eis-me aqui.

2. Reconheceis o poder de Deus sobre vós?

Resp. – Sim; e daí?

3. Por que escolheste o quarto do Sr. V... e não um outro?

Resp. – Isso me agrada.

4. Permanecereis ali muito tempo?

Resp. – Enquanto me sentir bem.

5. Então não tendes intenção de melhorar?

Resp. – Veremos isso depois; tenho tempo.

6. Estais contrariado por vos termos chamado?

Resp. – Sim.

7. Que fazíeis quando vos chamamos?

Resp. – Estava na taverna.

8. Estáveis bebendo?

Resp. – Que tolice! Como poderia beber?

9. O que querieis dizer falando de taverna?

Resp. – Quis dizer o que disse.

10. Quando vivo, maltratáveis os vossos cavalos?

Resp. – Sois agente de polícia?

11. Desejais que oremos por vós?

Resp. – Faríeis isso?

12. Certamente. Oramos por todos os que sofrem, porque temos piedade dos infelizes e porque sabemos que grande é a misericórdia divina.

Resp. – Oh! Mesmo assim sois bons camaradas. Gostaria de vos poder apertar a mão. Procurarei merecê-lo. Obrigado!

Observação – Confirma esta conversa o que a experiência já provou muitas vezes, relativamente à influência que

os homens podem exercer sobre os Espíritos, e por meio da qual podem contribuir para a sua melhoria. Mostra a influência da prece. Assim, essa natureza bruta, arredia e quase selvagem encontra-se como que subjugada pelo pensamento do interesse que se pode ter por ele. Temos numerosos exemplos de criminosos que vieram comunicar-se espontaneamente através de médiuns que haviam orado por eles, a fim de testemunharem o seu arrependimento.

Às observações acima, aditaremos as considerações que se seguem, a propósito da evocação de Espíritos inferiores.

Porque ciosos de conservar suas boas relações de além-túmulo, temos visto médiuns que se recusam a servir de intérprete aos Espíritos inferiores que podemos evocar. É de sua parte uma susceptibilidade mal entendida. Pelo fato de evocarmos um Espírito vulgar, e mesmo mau, não significa que iremos ficar sob a sua dependência. Longe disso; ao contrário, nós é que o dominaremos. Não é ele que vem impor-se, mau grado nosso, como na obsessão; nós é que nos impomos; ele não ordena, obedece; somos o seu juiz e não a sua presa. Além disso, podemos ser-lhes úteis por nossos conselhos e nossas preces, e eles nos serão reconhecidos pelo interesse que lhes demonstramos. Estender a mão em socorro é fazer uma boa ação; recusá-la, é faltar com a caridade; ainda mais: é egoísmo e orgulho. Esses seres inferiores, aliás, são para nós um grande ensinamento. Foi por seu intermédio que aprendemos a conhecer as camadas inferiores do mundo espírita, bem como a sorte que aguarda aqueles que aqui fazem mau uso de sua vida. Notemos, ademais, que é quase sempre tremendo que eles comparecem às reuniões sérias, onde dominam os Espíritos bons; ficam envergonhados e se mantêm afastados, ouvindo para se instruírem. Muitas vezes vêm com esse objetivo, mesmo sem terem sido chamados. Por que, então, nos recusaríamos a ouvi-los, quando muitas vezes seu arrependimento e seus sofrimentos são um motivo de edificação ou, pelo menos, de instrução? Não há nada a temer dessas comunicações, desde que

ocorram com vistas ao bem. Que seria dos pobres feridos se os médicos se recusassem a tocar em suas chagas?

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 30 de setembro de 1859 – Sessão geral.

Leitura da Ata da sessão de 23 de setembro.

Apresentação do Sr. S..., negociante, Cavaleiro da Legião de Honra, como membro titular. Adiamento da admissão para a próxima sessão particular.

Comunicações diversas:

1º – Leitura de uma comunicação espontânea dada ao Sr. R... pelo Espírito Olivier.

Essa comunicação é notável sob um duplo ponto de vista: o melhoramento moral do Espírito, que cada vez reconhece mais o erro de suas opiniões terrestres e agora compreende a sua posição; em segundo lugar, o fato de sua próxima reencarnação, cujos efeitos começa a sentir por um princípio de perturbação, confirma a teoria que foi dada sobre a maneira pela qual se opera esse fenômeno, bem como a fase que precede a reencarnação propriamente dita. Essa perturbação, resultado do *laço fluídico* que começa a se estabelecer entre o Espírito e o corpo que o primeiro deve animar, torna mais difícil a comunicação do que em seu estado de completa liberdade. O médium escreve com mais lentidão, sua mão está pesada, as idéias do Espírito são menos claras. Esta perturbação, que vai sempre aumentando, da concepção ao nascimento, é complexa ao aproximar-se este último momento e não se dissipa senão gradualmente, algum tempo depois. (Será publicada com as outras comunicações do mesmo Espírito.)

2º – História de manifestação física espontânea ocorrida ultimamente em Paris numa casa do subúrbio de Saint-Germain, e relatada pelo Sr. A... Um piano tocou sozinho durante vários dias seguidos sem que ninguém o manejasse. Todas as precauções foram tomadas para garantir que o fenômeno não era devido a nenhuma causa acidental. Interrogado a respeito, pensou um sacerdote que poderia tratar-se de uma alma penada, reclamando assistência e desejando comunicar-se.

3º – Assassinato cometido por uma criança de sete anos e meio, com premeditação e todas as circunstâncias agravantes. Narrado por vários jornais, prova o fato que nesse menino o instinto assassino inato não pôde ser desenvolvido nem pela educação, nem pelo meio no qual se encontra, só podendo explicar-se por um estado anterior à existência atual. Interrogado a respeito, São Luís respondeu: “O Espírito dessa criança está quase no início do período humano. Não tem mais que duas encarnações na Terra; antes de sua existência atual pertencia às populações mais atrasadas do mundo marítimo. Quis nascer num orbe mais avançado, na esperança de progredir.” À pergunta de saber se a educação poderia modificar aquela natureza, ele respondeu: “Isso é difícil, mas possível. Seria preciso tomar grandes precauções, cercá-lo de boas influências e desenvolver-lhe a razão, mas tememos que se faça justamente o contrário.”

4º – “Leitura de uma produção em versos, escrita por uma jovem que é dotada de mediunidade mecânica. Reconheceu-se que os versos não eram inéditos e haviam sido feitos por um poeta falecido há alguns anos. O estado de instrução do médium, que escreveu um grande número de poesias desse gênero, não permite supor que seja realmente um produto de sua memória, devendo-se concluir que o Espírito que se manifestou extraiu os versos das produções já feitas, e que são completamente estranhas à médium. Vários fatos análogos provam que isto é possível e, dentre outros, o de um dos médiuns da Sociedade a quem um Espírito ditou uma

passagem escrita pelo Sr. Allan Kardec e que ele não havia ainda comunicado a ninguém.

Estudos

1º – Evocação do negro que serviu de alimento a seus companheiros durante o naufrágio do navio *Le Constant*.

2º – Perguntas diversas e problemas morais dirigidos a São Luís sobre o fato precedente. Uma discussão estabeleceu-se a respeito, na qual tomaram parte vários membros da Sociedade.

3º – Três comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente, através de três médiuns diferentes: a primeira, pelo Sr. R..., assinada por São Vicente de Paulo; a segunda, pelo Sr. Ch..., assinada por Privat D'Anglemont e a terceira, pela Srta. H..., assinada por Carlos IX.

4º – Perguntas diversas dirigidas a Carlos IX. Ele promete escrever a história de seu reinado, a exemplo de Luís XI. (Estas diversas comunicações estão publicadas).

Sexta-feira, 7 de outubro de 1859 – Sessão Particular.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 30 de setembro.

Apresentações e admissões – A Srta. S... e o Sr. conde de R..., oficial da marinha, são apresentados como aspirantes ao título de membros titulares.

Admissão dos cinco candidatos apresentados na sessão de 23 de setembro e da Srta. S...

O Sr. Presidente observou, a respeito dos novos membros apresentados, que é muito importante para a Sociedade assegurar-se das suas disposições. Não basta, disse ele, que sejam

partidários do Espiritismo em geral; é necessário, também, que simpatizem com a sua maneira de ver. A homogeneidade dos princípios é condição sem a qual uma sociedade qualquer não poderá ter validade. Faz-se preciso conhecer a opinião dos candidatos, a fim de não serem introduzidos elementos de discussões ociosas, que acarretariam perda de tempo e poderiam degenerar em dissensões. A Sociedade não visa absolutamente ao aumento indefinido de seus membros; quer, acima de tudo, prosseguir seus trabalhos com calma e recolhimento, razão por que deve evitar tudo quanto possa perturbá-la. Sendo seu objetivo o estudo da ciência, é evidente que cada um é perfeitamente livre para discutir os pontos controversos e emitir sua opinião pessoal. Outra coisa, porém, é dar conselhos ou chegar com idéias sistemáticas e preconcebidas, em oposição às bases fundamentais. Reunimo-nos para o estudo e a observação, e não para fazer de nossas sessões uma arena de controvérsias. Devemos, aliás, reportar-nos aos conselhos que nos foram dados em muitas ocasiões pelos Espíritos que nos assistem, e que incessantemente nos recomendam a união como condição essencial para alcançar o objetivo a que nos propomos e obter o seu concurso. “A união faz a força”, dizem-nos eles. De outro modo correremos o risco de atrair os Espíritos levianos, que nos enganarão. É por isso que nunca dispensaríamos demasiada atenção aos elementos que introduzimos em nosso meio.

Designação de três novos comissários para as três próximas sessões gerais.

Comunicações diversas:

1º O Sr. Tug... transmite nota sobre um fato curioso de manifestação física, reportado pela Sra. Ida Pfeiffer no relato de sua viagem a Java.

2º O Sr. Pêch... refere-se a um fato pessoal de comunicação espontânea, da parte do Espírito de uma mulher que

em vida era lavadeira de péssimo caráter. Como Espírito, seus sentimentos não mudaram, continuando a mostrar um cinismo verdadeiramente malévolos. Entretanto, os sábios conselhos do médium parecem exercer sobre ela uma salutar influência; suas idéias modificam-se sensivelmente.

3º O Sr. R... apresenta uma folha na qual obteve a escrita direta, produzida à noite, em sua casa, espontaneamente, depois de tê-la em vão solicitado durante o dia. A folha, aliás, não traz senão estas duas palavras: *Deus, Fénelon*.

Estudos:

1º Evocação da Sra. *Ida Pfeiffer*, célebre viajante.

2º Os três cegos, parábola de São Lucas, dada em comunicação espontânea.

3º O Sr. L. G. escreve de São Petersburgo, dizendo que é médium intuitivo e pedindo à Sociedade o especial obséquio de obter de um Espírito superior alguns conselhos a seu respeito, a fim esclarecê-lo sobre a natureza e a extensão de sua faculdade, para que possa dirigir-se de acordo com eles. Um Espírito dá espontaneamente e sem perguntas prévias os conselhos que serão transmitidos ao Sr. G.

Atendendo a pedidos de vários membros que moram muito longe, o Sr. Presidente informa à Sociedade que, doravante, as sessões começarão às oito horas, a fim de poderem terminar mais cedo.

(Sexta-feira, 14 de outubro – Sessão geral)

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 7 de outubro.

Apresentações: O Sr. A..., livreiro e o Sr. de la R..., proprietário, são apresentados como membros titulares. Adiamento para a próxima sessão particular.

O Sr. J..., fiscal de contribuições do Departamento do Alto-Reno, é apresentado e admitido como membro correspondente.

Comunicações diversas:

1º O Sr. Col... comunica um extrato da obra intitulada *Céu e Terra*, do Sr. Jean Raynaud, onde o autor emite idéias inteiramente de acordo com a Doutrina Espírita e com o que ultimamente disse um Espírito sobre o futuro papel da França.

2º O Sr. conde de R... dá informações sobre uma comunicação espontânea de Savonarola, monge dominicano, obtida numa sessão particular. Essa comunicação é notável porque a personagem, embora desconhecida dos assistentes, indicou com precisão a data de sua morte, ocorrida em 1498, sua idade e seu suplício. Pensa-se que a evocação desse Espírito poderá ser instrutiva.

3º Explicação dada por um Espírito sobre o papel dos médiuns, ao Sr. P..., antigo reitor da Academia, ele próprio médium. Para se comunicarem entre si, os Espíritos não necessitam da palavra: basta-lhes o pensamento. Quando querem comunicar-se com os homens, devem traduzir seu pensamento em sinais humanos, isto é, em palavras. Tiram essas palavras do vocabulário do médium de que se servem, de certo modo como de um dicionário. Eis por que é mais fácil ao Espírito exprimir-se na linguagem familiar do médium, embora possa igualmente fazê-lo numa língua que este não conheça. Neste último caso o trabalho é mais difícil, razão pela qual o evita quando não há necessidade. O

Sr. P.. encontra nessa teoria a explicação de vários fatos que lhe são pessoais, relativos a comunicações que lhe foram dadas em latim e em grego por diversos Espíritos.

4º Fato relatado pelo mesmo, de um Espírito que assistiu ao enterro de seu próprio corpo e que, não se julgando morto, pensava que o enterro não lhe dissesse respeito. Dizia ele: Não fui eu quem morreu. Depois, quando viu os parentes, acrescentou: Começo a pensar que talvez tendes razão, e que é bem possível que eu não seja mais deste mundo; mas isso me é indiferente.

5º O Sr. S... comunica um fato notável de aviso de além-túmulo, relatado pelo jornal *Patrie*, de 16 de dezembro de 1858.

6º Carta do Sr. Bl... de La... que, baseando-se em artigo da *Revista* sobre o fenômeno do desprendimento da alma durante o sono, pergunta se a Sociedade poderia evocá-lo um dia, juntamente com sua filha, morta há dois anos, a fim de, como Espírito, ter com ela uma conversa que ainda não conseguiu como médium.

Estudos:

1º Evocação de Savonarola, proposta pelo Sr. Conde de R...

2º Evocação simultânea, através de dois médiuns diferentes, do Sr. Bl... de La... (vivo) e de sua filha morta há dois anos. Conversa do pai com a filha.

3º Duas comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente: a primeira, de São Luís, pelo Sr. L...; a segunda, da Srta. Clary, por seu irmão.

(Sexta-feira, 21 de outubro de 1859 – Sessão particular)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 14 de outubro.

Apresentações e admissões – O Sr. Lem..., negociante, e o Sr. Pâq..., doutor em direito, foram apresentados como membros titulares. A Srta. H... foi apresentada como membro honorário, em razão do concurso dado à Sociedade como médium, e que promete ainda dar para o futuro.

Admissão de dois candidatos apresentados na sessão de 14 de outubro e da Srta. H...

O Sr. S... propõe que no futuro as pessoas que desejarem participar da Sociedade deverão fazer o pedido por escrito e que lhes seja enviado um exemplar do regulamento.

Leitura de uma carta do Sr. Th..., fazendo proposição análoga, motivada pela necessidade de somente admitir na Sociedade as pessoas já iniciadas no objetivo de seus trabalhos e professando os mesmos princípios. Pensa que um pedido feito por escrito, abonado pela assinatura de dois apresentadores, é uma garantia a mais das sérias intenções do candidato, do que um simples pedido verbal.

Esta proposição foi adotada por unanimidade nos seguintes termos: *Toda pessoa que desajar participar da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas deverá fazer o pedido por escrito ao Presidente. Esse pedido deverá ser assinado por dois apresentadores e relatar: 1^a que o postulante tomou conhecimento do regulamento e se compromete a observá-lo; 2^a as obras lidas sobre o Espiritismo e sua adesão aos princípios da Sociedade, que são os de O Livro dos Espíritos.*

O Sr. Presidente assinala a conduta pouco conveniente de dois ouvintes admitidos na última sessão geral, os quais, por sua

conversaço e por palavras despropositadas, perturbaram a tranqüillidade dos vizinhos. A respeito, lembra os artigos do regulamento concernentes aos ouvintes e convida novamente os senhores membros da Sociedade a terem maior reserva na escolha das pessoas a quem dão cartões de ingresso e, sobretudo, que se abstenham, de modo absoluto, de oferecer tais cartões a quantos forem atraídos às reuniões unicamente por motivo de curiosidade, bem como aos que, não possuindo nenhuma noção prévia do Espiritismo, por isso mesmo estejam impossibilitados de compreender o que se faz na Sociedade. Suas sessões não são um espetáculo; devem ser assistidas com recolhimento. Aqueles que só buscam distrações não devem vir procurá-las numa reunião séria.

Propõe o Sr. Th... a nomeação de uma comissão de dois membros, encarregados de examinar a questão das entradas concedidas às pessoas estranhas e sugerir as medidas necessárias à prevenção dos abusos. Os Srs. Th... e Col... são designados para fazerem parte da aludida comissão.

Estudos:

1º Problemas morais e questões diversas dirigidas a São Luís.

2º O Sr. de R... propõe a evocaço de seu pai, por considerações de utilidade geral e não pessoais, presumindo que disso possam resultar ensinamentos.

Interrogado sobre a possibilidade de tal evocaço, responde São Luís: Podereis fazê-lo perfeitamente. Entretanto eu vos lembraria, meus amigos, de que essa evocaço requer uma grande tranqüillidade de espírito. Esta noite discutistes longamente assuntos administrativos; creio que seria bom adia-la para outra sessão, tendo em vista que poderá ser muito instrutiva.

3º O Sr. Leid... propõe a evocaço de um de seus

amigos que foi sacerdote. Interrogado, São Luís responde: Não; primeiro, porque o tempo não vo-lo permite; depois, como Presidente espiritual³² da Sociedade, não vejo nenhum motivo de instrução. Será preferível fazer essa evocação na intimidade.

O Sr. S... pede que seja mencionado na ata o título de *Presidente espiritual*, que São Luís houve por bem tomar.

Sexta-feira, 28 de outubro de 1859 – Sessão geral.

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 21 de outubro.

Apresentação de cinco novos candidatos como membros titulares, a saber:

Sr. N..., negociante, de Paris; Sra. Émile N..., esposa do precedente; Sra. Viúva G..., de Paris; Srta. de P..., de Estocolmo; Sra. de L..., de Estocolmo.

Leitura dos artigos do regulamento relativos aos ouvintes, e de uma notícia para instrução das pessoas estranhas à Sociedade, a fim de não se equivocarem quanto ao objetivo de seus trabalhos.

Comunicações:

1º Leitura de um artigo sobre o mundo dos Espíritos, do Sr. Oscar Comettant, publicada no *Siècle* de 27 de outubro. Refutações de determinadas passagens desse artigo.

2º Leitura de um artigo de um novo jornal intitulado *Girouette*, publicado em Saint-Étienne. O artigo é benevolente com o Espiritismo.

32 N. do T.: *Président spirituel* – expressão equivalente a mentor espiritual.

3º Oferta de quatro poemas do Sr. de Porry, de Marselha, autor de *Urânia*, do qual foram lidos alguns fragmentos; são eles: *La captive chrétienne*, *les bobémiens*, *Poltawa*, *Le prisonnier du Caucase*.

Enviaremos agradecimentos ao Sr. de Porry e as obras supracitadas serão depositadas na biblioteca da Sociedade.

4º Leitura de uma carta do Sr. Det..., membro titular, contendo diversas observações sobre o papel dos médiuns, a propósito da teoria exposta na sessão de 14 de outubro, segundo a qual o Espírito retiraria suas palavras do vocabulário do médium. Ele combate essa teoria, pelo menos do ponto de vista absoluto, por fatos que a vêm contradizer. Pede que a questão seja seriamente examinada. Entrará novamente na ordem do dia.

5º Leitura de um artigo da *Revue française* do mês de abril de 1858, pág. 416, onde é relatada uma conversa de Béranger, da qual resulta que em vida suas opiniões eram favoráveis às idéias espíritas.

6º O Sr. Presidente transmite à Sociedade as despedidas da Sra. Br..., membro titular, que partira para Havana.

Estudos:

1º Propõe a evocação da Sra. Br..., que partiu para Havana, e que no momento se encontra no mar, a fim de obter as suas próprias notícias.

Interrogado a respeito, São Luís responde: Seu Espírito está muito preocupado esta noite, porque o vento sopra com violência (era na ocasião das grandes tempestades assinaladas pelos jornais) e o instinto de conservação ocupa todo o seu pensamento. No momento o perigo não é grande; mas quem garante que não se tornará? Só Deus o sabe.

2º Evocação do pai do Sr. de R..., proposta na sessão de 21 de outubro. Resultaria dessa evocação que o cavaleiro de R..., seu tio, do qual não se tinha notícias há cinquenta anos, não estaria morto e habitaria uma ilha da Oceania meridional, onde se teria identificado com os costumes de seus habitantes, não tendo tido oportunidade para transmitir notícias suas. (Será publicada).

3º Evocação do rei de Kanala (Nova Caledônia), morto a 24 de maio de 1858. Essa comunicação revela nesse Espírito uma certa superioridade relativa, apresentando a característica notável de uma grande dificuldade para escrever, malgrado a aptidão do médium. Anuncia que com o hábito escreverá mais facilmente, o que é confirmado por São Luís.

4º Evocação de *Mercuré Jean*, aventureiro, que apareceu em Lyon em 1478 e foi apresentado a Luís XI. Ele dá esclarecimentos sobre as faculdades sobrenaturais de que o supunham dotado e informações curiosas sobre o mundo em que reside atualmente. (Será publicada).

(Sexta-feira, 4 de novembro de 1859 – Sessão particular)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 28 de outubro.

Admissão de sete candidatos apresentados nas duas sessões precedentes.

Apresentação de projeto pela Comissão encarregada de estudar as medidas a serem tomadas para a admissão de ouvintes.

Depois de uma discussão em que participaram vários membros, a Sociedade decide que a proposição seja adiada e que provisoriamente se obedeça às disposições do regulamento; que os senhores membros serão convidados a se conformarem rigorosamente com as disposições que regulam a admissão dos